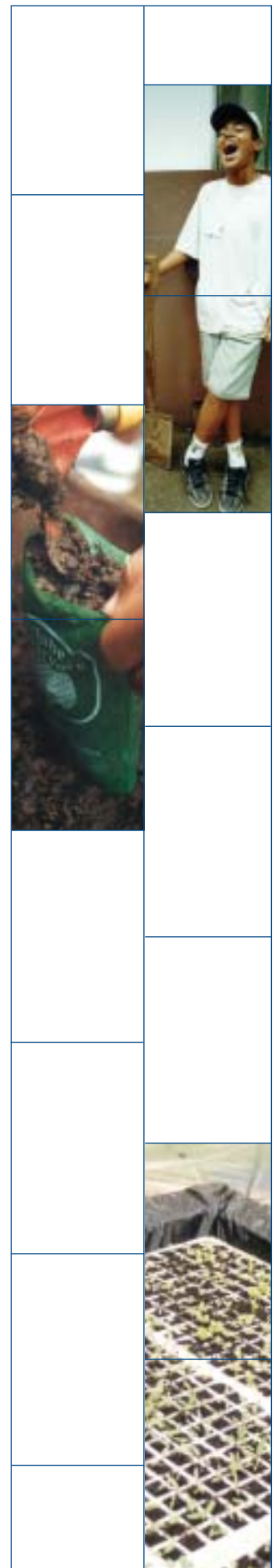


# RELATÓRIO ANUAL DE ATIVIDADES 2002



Instituto Souza Cruz

junho de 2003



<b>Carta do presidente</b>	
Caminhando	3
<b>Missão</b>	
Educação para o desenvolvimento humano sustentável	4
<b>Avaliação</b>	
Avaliar para prosseguir	5
<b>Educação para Valores</b>	
Investindo em mudanças	7
<b>Educação para o Empreendedorismo</b>	
Apoio à formação integral do jovem rural	20
<b>Educação para o Meio Ambiente</b>	
Futuro preservado	25
<b>Educação para o Turismo</b>	
Aposta no desenvolvimento	31
<b>Apoio a Outras Iniciativas</b>	
Parcerias de sucesso	35
<b>Auditores e Indicadores Financeiros</b>	
Parecer dos auditores independentes	44
<b>Parceiros</b>	
Organizações parceiras	47
<b>Equipe</b>	48

## Índice



Clube da Arvore



Hortas Escolares



Programa de Erradicação do Trabalho Infantil na Pequena Propriedade Rural

## CAMINHANDO

---

É com grande satisfação que apresento nosso Relatório de Atividades, materializando de forma transparente os esforços empreendidos no ano de 2002.

No cumprimento dos deveres públicos que assumiu enquanto Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), o Instituto Souza Cruz compartilhou objetivos, trabalhos e sonhos com outros municípios brasileiros, que se tornaram parceiros do programa Cuidar (ao todo, 13 secretarias de Educação nos deram as mãos em 2002). Conseguimos também, por meio do Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (Cedejor), estender até Santa Catarina a meta de transformar o jovem do meio rural brasileiro em sujeito ativo, solidário e visível às políticas públicas.

O último ano também ficou marcado pela Seleção de Projetos Sociais, por meio da qual 458 funcionários da Souza Cruz envolveram-se com o levantamento e a resolução dos problemas sociais de suas comunidades, tornando o projeto uma iniciativa pioneira na história centenária da empresa.

Espero que todos apreciem o relatório. Tenham a certeza de que ele consolida os passos iniciais de uma longa caminhada a ser percorrida pelo Instituto Souza Cruz.

*Flavio de Andrade*  
Presidente

Carta do presidente



## EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO SUSTENTÁVEL

Criado em julho de 2000, o Instituto Souza Cruz tem como missão promover a educação para o desenvolvimento humano sustentável, pois entende que esse é o melhor caminho para a quebra do ciclo de reprodução da pobreza de uma geração para outra.

Por isso, a educação está presente nas quatro diretrizes que sustentam o trabalho do instituto: Educação para o Empreendedorismo, Educação para Valores, Educação para o Meio Ambiente e Educação para o Turismo.

Na prática, cada um dos que fazem o Instituto Souza Cruz tem a própria maneira de viver e de enxergar seu compromisso:

“A nossa maior expectativa é poder contribuir, juntamente com outras organizações – governamentais e não-governamentais –, para o desenvolvimento de um país onde todos os jovens tenham oportunidades de crescer como cidadão e como profissional.”

*Leticia Sampaio, diretora-executiva*

“Em tempos de tamanha demanda por ações que minimizem o abismo que divide seres humanos iguais em grupos que gozam seus direitos de forma tão distinta, trabalhar em uma organização cujo foco é a educação para o desenvolvimento humano sustentável é, sem dúvida, um privilégio, uma excelente maneira de expressar minha crença em que um outro mundo é possível.”

*Simone Amorim, secretária-executiva*

“Para mim, trabalhar no instituto é uma oportunidade de desenvolvimento, já que estou sempre aprendendo algo novo e fazendo contato com pessoas de várias organizações. É também motivo de orgulho, pois o fruto do nosso trabalho é uma contribuição, ainda que pequena, à mudança da realidade social brasileira.”

*Flavio Goulart, gerente de projetos sociais*

“Fazer parte da equipe do Instituto Souza Cruz é uma experiência simultânea de aprendizado e gratificação, sobretudo pela oportunidade de ver o nosso trabalho se transformar em vida melhor para os outros.”

*Luiz André Soares, gerente de projetos sociais*

“Trabalhar no Instituto Souza Cruz é uma oportunidade de aprendizado como profissional e como cidadã. Conhecendo as demandas sociais, percebemos que estamos todos envolvidos e que cada um de nós pode fazer a sua parte. Certamente, a educação é um dos caminhos, e é bom saber que estamos contribuindo de alguma forma para o desenvolvimento do país.”



*Juliana Torres, estagiária*

“É gratificante participar de uma organização séria, comprometida com uma causa de fundamental importância para o nosso país, que é a educação. Por isso, gosto de trabalhar no Instituto Souza Cruz. Além de estar sempre aprendendo, sinto que cumpro o meu papel de cidadã brasileira ajudando a resolver parte de nossos problemas sociais.”

*Flávia Soares, estagiária*

“Trabalhar no Instituto Souza Cruz tem sido um aprendizado constante, tanto no campo profissional quanto para a minha formação humana. Além de estar envolvida num ambiente empresarial, faço parte de uma organização que se preocupa e investe no desenvolvimento do Brasil por meio da educação. Assim como o instituto, eu acredito que um dos pontos-chave para o crescimento do país se dá pela educação.”

*Karen Kebian, estagiária*

Missão	
	
	Cuidar
	
Alfabetização Solidária	
	
	Clube da Árvore



Com os outros parceiros, os processos de apresentação e negociação demonstraram um pouco mais. De qualquer forma, até o final de 2002, todos os programas do instituto passaram por esse processo. Em algumas situações, elaboramos os instrumentos, e a organização parceira realizou a aplicação e a sistematização dos dados. Nesses casos, o instituto disponibilizou a "tecnologia", mas coube à organização a decisão de quando utilizá-la. Isso porque a proposta do instituto é que cada organização se aproprie do processo de avaliação para o próprio aprendizado.


Essa metodologia de construção dos indicadores possibilitou um diálogo intenso do instituto com seus parceiros, o que fez com que a avaliação não ficasse à margem do que estava acontecendo na prática. Houve, inclusive, ocasiões em que foram feitas várias mudanças tendo em vista esse diálogo.

A experiência com esse processo do Instituto Souza Cruz confirmou para mim três aspectos. Em primeiro lugar, a importância de cada instituição definir os parâmetros por meio dos quais poderá apreender o que está realizando e verificar se seu esforço está contribuindo para modificar a situação social na qual está intervindo. Reafirmou também a importância de encararmos a avaliação como um desafio positivo, que possibilita a aprendizagem sobre nossas premissas e métodos, sobre a opinião dos públicos com os quais estamos trabalhando e sobre novas possibilidades e desafios. Por fim, a necessidade de diálogo permanente quando se trabalha com programas sociais: entre aquilo que se deseja e o que é possível realizar, com os públicos envolvidos nos programas, entre parceiros, dentro da própria equipe. São diversas vezes que precisam estar presentes e, portanto, é necessário estabelecer canais para fazer emergir a riqueza de cada uma delas. Creio que esses aspectos são fundamentais para uma organização que pretende crescer, aprofundar sua capacidade de intervenção e fazer algo socialmente relevante. ♦

*\*Socióloga, consultora do Instituto Souza Cruz*

**"No Brasil, costuma-se fazer a avaliação de programas sociais, em geral, com base nos produtos ou dados finais que eles geram ou com base em mudanças de governo. Não é habitual fazer uma avaliação dos programas que estão em curso. Além da correção de rumos, esse tipo de avaliação permite uma melhor adequação de todo o processo"**

*Cecília Minayo, coordenadora científica do Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde (Claves), da Fundação Oswaldo Cruz*

Avaliação	
	Hortas Escolares
	

## INVESTINDO EM MUDANÇAS

"Educação para Valores é, acima de tudo, uma proposta de diálogo, de troca constante entre todos os interlocutores envolvidos, para que, com base nessa construção coletiva, novos princípios sejam assimilados por todos em um processo de reflexão, defesa e aceitação da visão do outro", define Flavio de Andrade, presidente do Instituto Souza Cruz.

Segundo ele, o instituto investe em Educação para Valores como forma de fornecer instrumentos que permitam à sociedade construir um presente com oportunidades mais bem distribuídas, um futuro promissor e um país socialmente justo.

Na prática, os programas dessa área têm uma missão transformadora. O **Varejo Socialmente Responsável** desenvolve um trabalho pioneiro de responsabilidade social que, a partir de 2002, passou a contar com o apoio do Instituto Ethos.

O **Programa de Erradicação do Trabalho Infantil na Pequena Propriedade Rural** vem investindo na eliminação da exploração da mão-de-obra infantil por meio da conscientização dos produtores e do apoio às escolas do meio rural. Em 2002, foi desenvolvida a Jornada Integral Escolar, que inclui atividades depois das aulas para crianças do ensino fundamental, e lançado o livro *A Caminho da Escola – 10 Anos de Luta pela Erradicação do Trabalho Infantil no Brasil*.

Criado há dois anos, o **Cuidar** nasceu com o compromisso de construir um jovem autônomo, solidário e competente. Em 2002, o programa chegou a 261 escolas de 13 municípios, abrangendo mais de 90 mil alunos e de 5 mil professores.

Como os outros programas, o **Voluntariado** também amadureceu. No ano passado, 12 projetos indicados pelos funcionários da Souza Cruz foram apoiados pelo instituto. Cerca de 10% do corpo funcional participou do processo seletivo, que também ajudou a disseminar o conceito do voluntariado internamente.

Educação para Valores	
Cuidar	
	
Voluntariado	
Varejo Socialmente Responsável	
	
Programa de Erradicação do Trabalho Infantil na Pequena Propriedade Rural	

EDUCANDO PARA VALORES

Em 2002, o Cuidar entrou em uma nova fase. Foi expandido para mais 11 municípios, o que representou um aumento de mais de 52 mil pessoas envolvidas. Com dois anos de vida, o programa já colhe os primeiros frutos. Além do reconhecimento da sua importância pelos secretários de Educação dos municípios, houve nesse período uma mudança positiva na relação dos alunos com os professores

"A idéia seminal do Cuidar é de que os educadores devem trabalhar em função do jovem que queremos, e não do que não queremos", diz o seu idealizador, o pedagogo Antonio Carlos Gomes da Costa. O programa, segundo ele, nasceu com o compromisso de construir um jovem autônomo, solidário e competente.

Realizado em parceria com escolas municipais e estaduais, o Cuidar abrange adolescentes do ensino fundamental e do ensino médio, seus professores, pais ou responsáveis e leva a sério esse compromisso.

Em 2002, o programa chegou a 13 municípios: Acopiara, Jucás, Orós, Quixelô e Iguatu, no Ceará; Vila Velha, no Espírito Santo; Campinas e Ribeirão Preto, em São Paulo; Araxá, Juiz de Fora e Pará de Minas, em Minas Gerais; Rio Pardo e Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul. Receberam o Cuidar: 261 escolas, 90.615 alunos, 5.030 professores e 74.723 pais ou responsáveis.

Nessa nova fase, o programa contou com uma equipe de educadores, coordenada pela professora Adir da Luz Almeida, mestre pela UFF na área de educação e políticas públicas e professora da Uerj e da Unesa, no Rio de Janeiro. "Mantivemos eixos, ampliamos concepções (teórica e metodologicamente) e acrescentamos a participação ativa dos responsáveis", explica a professora, que possui uma longa história na área de educação pública.

O protagonismo, um dos eixos do Cuidar, foi trabalhado, segundo ela, apontando para a inserção social, com a clara intenção de superar a idéia do indivíduo em si. A Educação para Valores também foi mantida como parte central do programa. "Uma educação que propõe não o resgate, pois não se perdeu valor algum,

mas que se fundamenta no diálogo entre toda a comunidade escolar em torno dos valores", esclarece Adir.


De acordo com ela, as bases do Cuidar 2002 foram levadas para dentro das escolas por grupos representantes dos seus diversos segmentos. Isso só aconteceu depois de eles terem participado de seminários locais, tornando-se, assim, interlocutores do programa nas escolas.

Em Orós, o programa vem transformando a vida dos jovens. O Cuidar chegou ao município em 2002 e foi implantado em 13 escolas da região e, para Maria Agarista Feitosa de Matos, secretária de Educação, já provocou mudanças. "Hoje, os jovens cuidam mais de si, da família e da escola. Os professores passaram a ter mais instrumentos para trabalhar os temas transversais e mudaram inclusive o jeito de dar aula", diz ela.

Além da falta de verbas, o principal problema da educação no município era o desinteresse dos alunos. "O Cuidar nos ajudou a motivá-los", afirma Maria Agarista.

"Participar desse projeto nos permitiu realizar um propósito muito precioso: colaborar de forma positiva, e não apenas denunciativa, para a superação da violência e para o protagonismo juvenil"

*Cecília Minayo, coordenadora científica do Claves, da Fundação Oswaldo Cruz, que vem realizando as avaliações do programa*

Educação para Valores	
	
	Cuidar





CUIDAR 2002 POR CLARICE NUNES\*

A história da educação brasileira está repleta de projetos educativos do Estado e de grupos organizados da sociedade civil que fracassaram porque descuidaram de um aspecto importante: o respeito à cultura dos grupos destinatários desses projetos, às suas práticas, à sua maneira de pensar e resolver os problemas que os afligem, às suas crenças e expectativas. Nesse sentido, o ponto mais positivo e inovador do programa Cuidar 2002 é seu modo de atuação, sensível e sensato, incentivando a participação de alunos, professores e pais e colocando-se não acima deles, mas ao seu lado, com a finalidade de fomentar um processo de debate coletivo, no qual os principais interessados se posicionem, decidam e estabeleçam suas metas e valores.

Todo programa ou projeto é o que fazemos dele. Esse fazer ao qual me refiro está diretamente ligado às características da equipe responsável. O programa Cuidar 2002 reúne educadores que possuem amplo conhecimento vivido das escolas públicas de ensino fundamental e médio e que, portanto, aliam a prática de trabalho e a ação pedagógica à

formação acadêmica, o que respalda uma postura dialógica no campo da educação. São profissionais atentos às inúmeras dimensões da tarefa educativa, defensores da ética da inclusão e que, assim qualificados, buscam potencializar a ação da escola e do jovem dentro da sala de aula, na instituição e na comunidade mais ampla.

Por esses motivos, o programa Cuidar não carrega apenas a esperança de um futuro melhor para seus jovens participantes. Caminha com eles e, na negociação, no acolhimento e na construção coletiva, convida-os a construir juntos um presente mais solidário, em que todos aprendem a cuidar de si mesmos, dos outros e do entorno. O Cuidar é, sem dúvida, uma bela lição de cidadania.

*\*Pesquisadora do CNPq, com inúmeros livros e artigos publicados em sua área de especialidade, doutora em Ciências Humanas/Educação pela PUC-Rio, professora do curso de mestrado em Educação da Universidade Estácio de Sá e pesquisadora associada ao programa de pós-graduação em Educação da UFF*

**Principais atividades em 2002**

- ◆ Em maio, foi realizado o I Seminário de Interlocutores, tendo como convidados os representantes de cada um dos novos municípios que ingressaram no programa. O principal objetivo foi traçar os planos de expansão do Cuidar.
- ◆ Implantação do programa no Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (Cedejor), no Rio Grande do Sul.
- ◆ Fechamento da primeira fase de avaliação do Claves.
- ◆ Encontro nacional dos representantes dos municípios que participaram da primeira fase do programa.
- ◆ Lançamento do CD-ROM da nova fase do programa.

**Educação para Valores**

	
	Cuidar
	
	Cuidar

## VOLUNTARIADO

### INCENTIVO À SOLIDARIEDADE

Com esse programa, o Instituto Souza Cruz procura transmitir a importância de trabalhar pelo social para os funcionários da mantenedora

Lançado em 2000, o programa Voluntariado, foi criado para incentivar funcionários da mantenedora a atuar como voluntários. A meta do instituto é fortalecer a cultura do trabalho voluntário buscando a capacidade de cada pessoa e a união para realizar algo para o próximo. Aproveitando o Ano Internacional do Voluntariado, em 2001, e o aniversário de um ano do instituto, foi lançada a Seleção de Projetos Sociais. Cerca de 10% do quadro da Souza Cruz saiu em busca de projetos que tivessem impacto social e merecessem o apoio. Dos 104 projetos indicados, foram selecionados 12. Os funcionários também se envolveram na gestão e avaliação dos projetos, tornando-se, assim, agentes do desenvolvimento humano e parceiros das organizações favorecidas.


Os projetos escolhidos foram: Alfabetização de Jovens e Adultos pela Informática (PR); Buscando Novas Perspectivas na Terceira Idade (RS); Casa Familiar Rural São Luiz (SC); Centro de Integração e Cidadania da Mulher Rural (RJ); Ecoturismo e Desenvolvimento Humano Sustentado: o Passaporte para o Futuro da Comunidade do Cambury (SP); Empredef – Deficiente Empreendedor (MG); Escola de Formação Profissional em Jardinagem (SC); Laboratório Didático-Pedagógico Integrado para Alunos dos Ensinos Fundamental e Médio (RJ); Oficina Sou Capaz – Projeto Construindo o Futuro (SP); Pastoral da Criança (MG); Pequeno Cidadão – O Empreendedor do Amanhã (SC); e Recicladores do Aurá (PA).

"Quando entrei na campanha para indicar alguma entidade, escolhi a Casa Familiar São Luiz, porque os alunos que a freqüentavam eram de famílias muito humildes e a instituição estava passando por dificuldades. Foi muito gratificante ver que esse projeto foi escolhido entre mais de 100 indicados", conta Jacyr Cláudio Mocellin, 38 anos, voluntário e orientador agrícola da Souza Cruz.

A Casa Familiar Rural São Luiz tem como objetivo melhorar a qualidade de vida das comunidades rurais, diminuir o êxodo rural e aumentar a consciência ecológica. O convênio com o instituto possibilitou à instituição desenvolver o projeto Educação Ambiental e Qualidade de Vida, que visa trazer melhorias a propriedades rurais no que diz respeito a reflorestamento, preservação de solo e água, tratamento adequado do lixo, embelezamento e resgate da consciência ambiental por parte das famílias e da comunidade. "Com o apoio do instituto, pudemos desenvolver na prática o que antes só podia ser feito na teoria", diz Aparício Rolim, coordenador do projeto.

A parceria com o Instituto Souza Cruz permitiu ao Empredef – Deficiente Empreendedor, do Instituto Integrar, em Uberlândia, adquirir equipamentos, de computadores a mobiliários, para atuar na requalificação e inclusão das pessoas portadoras de deficiência física e sensorial no mercado de trabalho e na sociedade. "Conseguimos impulsionar nossas ações, além de confirmar que estávamos no caminho certo", diz Edson Queiroz, diretor-presidente do Instituto Integrar.

Cerca de 10% do quadro da Souza Cruz saiu em busca de projetos que tivessem impacto social e merecessem o apoio do instituto. Dos 104 projetos indicados, foram selecionados 12

Educação para Valores	
	
	Voluntariado

"Resolvi indicar o projeto porque a introdução dos deficientes no mercado não é fácil. Muitas dessas pessoas não têm possibilidade de estudar e se preparar, por isso a ação do Instituto Integrar é tão importante", conta Mary Lucia Rocha, 32 anos, analista de RH da Souza Cruz em Uberlândia. O projeto organizou um curso de empreendedorismo com o objetivo de capacitar para a autogestão, criando oportunidades de trabalho e desenvolvendo condições de independência e estabilidade financeira para 45 deficientes.

Já o Projeto Recicladores do Aurá é desenvolvido pela Prefeitura de Belém e pela Secretaria Municipal de Saneamento para erradicar a catação de lixo no Aterro Sanitário do Aurá, com base em programas de geração de renda fora dessa área, como a coleta em shopping centers e grandes eventos. "Graças ao instituto, a cooperativa conseguiu um caminhão e uma Kombi, que já beneficiaram diretamente 24 catadores e indiretamente mais de 250. A ajuda foi muito importante, deu nova perspectiva a eles", diz Risoleide Guerreiro Pinheiro, pedagoga e coordenadora do projeto. Para André Augusto Bastos Quadros, 27 anos, analista de estoque da Souza Cruz e um dos voluntários que indicaram o projeto, o apoio veio para uma comunidade muito carente. "Os catadores tinham condições de reciclar o lixo, mas havia muita dificuldade na coleta, por isso a ajuda do instituto foi uma vitória."

Para a Pastoral da Criança de Uberlândia, o convênio tornou possível a construção de salas para a instalação de uma videoteca e de uma brinquedoteca, além de espaço para a cozinha industrial e a sede administrativa. "O local ocupado pela Pastoral da Criança na Paróquia de São Francisco de Assis estava bastante deteriorado. O apoio do Instituto Souza Cruz foi uma conquista muito gratificante", diz Márcia Santana, assessora de políticas públicas e controle social da Pastoral.

A Pastoral da Paróquia São Francisco acompanha 300 crianças até 6 anos e gestantes, o que totaliza 150 famílias atendidas. As equipes desenvolvem um trabalho preventivo na área de saúde, com palestras sobre alimentação, cidadania, geração de renda e noções de higiene. "A nossa comunidade é pobre. Quando o ins-

Com os projetos apoiados pelo instituto, já foram beneficiadas 5.304 pessoas com atividades que vão desde a geração de renda familiar até a redução dos índices de mortalidade infantil

tituto abriu essa oportunidade, apresentei o projeto da Pastoral. A satisfação de ver a obra sendo realizada é indescritível", conta Carlos Zanotto, 38 anos, voluntário há sete anos e mecânico sênior de manutenção da Souza Cruz de Uberlândia.

Com os projetos apoiados pelo instituto, já foram beneficiadas 5.304 pessoas com atividades que vão desde a geração de renda familiar até a redução dos índices de mortalidade infantil. A avaliação para a escolha das instituições foi feita com base nas fichas de inscrição com visitas técnicas, na aprovação da banca de "Comissão de Seleção" e nos relatórios financeiros e de atividades de cada um dos projetos selecionados. A idéia era compartilhar com os funcionários as decisões sobre o apoio do instituto a projetos sociais selecionados e estimulá-los a exercer alguma atividade no desenvolvimento sustentável das comunidades locais. ♦

Educação para Valores	
	Voluntariado
	
	Voluntariado

## JUNTOS POR UM MESMO IDEAL POR ODETE DAN RIBEIRO ROLDÃO\*

O que move o voluntário é a vontade de ser útil e fazer o bem ao próximo. O mais gratificante é ver o esforço se concretizando em boas ações, como quando uma criança se recupera da desnutrição ou quando uma pessoa doente fica curada. Nenhum dinheiro pode pagar a sensação de salvar vidas. O benefício do trabalho voluntário não é só para quem recebe apoio; para muitos voluntários, doar um pouco de si ao próximo se torna uma razão de viver. Por tudo isso, o trabalho voluntário é extremamente importante, principalmente nas condições estruturais do Brasil. O país precisa que todos (governo, sociedade civil e empresas) se juntem pela mesma causa: responsabilidade social. A iniciativa do Instituto Souza Cruz de dar a oportunidade aos funcionários da mantenedora de realizar um trabalho social é muito interessante. Muitas das empresas que ajudam e têm alguma atividade na área social não envolvem os funcionários. Com o programa, o instituto deu a eles a chance de compartilhar do sentimento de recompensa que essas ações trazem e de se sentirem pessoas mais dispostas a participar de projetos que tentem modificar a realidade tão difícil de comunidades carentes ou daqueles que, de alguma forma, são excluídos da sociedade. Muitos que talvez nem conhecessem trabalhos sociais começaram a prestar atenção nas coisas ao seu redor. Criar essa responsabilidade social nos funcionários os faz despertar para novos caminhos. Isso também mostra que a empresa se importa com a vida dos que a cercam e traduz bem a filosofia de que o bem-estar depende de todos. Na Pastoral da Criança (MG), o apoio do Instituto Souza Cruz foi muito significativo para as comunidades carentes atendidas. É importante ressaltar que iniciativas como a do instituto conseguem mudar os valores e fazem com que as pessoas exerçam a cidadania e o amor ao próximo.

*\*Assistente social, coordenadora da Pastoral da Criança da Diocese de Uberlândia (MG) e presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Uberlândia*

**“Muitas das empresas que ajudam e têm alguma atividade na área social não envolvem os funcionários. Com o programa, o instituto deu a eles a chance de compartilhar o sentimento de recompensa que essas ações trazem”**

*Odete Dan Ribeiro Roldão, assistente social e coordenadora da Pastoral da Criança da Diocese de Uberlândia (MG)*

### Principais atividades em 2002

- ◆ Lançamento do projeto Alfabetização de Jovens e Adultos pela Informática, em Cascavel (PR).
- ◆ Fechamento do convênio com a Comissão Pro-Índio para a realização do projeto Ecoturismo e Desenvolvimento Humano Sustentado: o Passaporte para o Futuro da Comunidade do Cambury (SP).
- ◆ Assinatura de convênio com as seguintes instituições: Centro de Integração e Cidadania da Mulher Rural, de Nova Friburgo (RJ), e Instituto Integrar, de Uberlândia (MG).
- ◆ Lançamento do projeto Escola de Formação Profissional em Jardinagem (SC).

## Educação para Valores



Voluntariado



Voluntariado

## O DIREITO À ESCOLA

O programa Erradicação do Trabalho Infantil na Pequena Propriedade Rural vem investindo no fim da exploração da mão-de-obra de crianças e adolescentes por meio da conscientização dos produtores e do apoio a escolas do meio rural. No ano passado, o Instituto Souza Cruz implantou um projeto de jornada ampliada, realizou uma nova pesquisa sobre o universo valorativo dos produtores de fumo e lançou um livro sobre o assunto

Além de apoiar o programa O Futuro É Agora!, resultado de uma parceria de empresas do setor fumageiro, do Sindicato da Indústria do Fumo (Sindifumo) e da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), o Instituto Souza Cruz vem desenvolvendo uma série de ações para a erradicação do trabalho infantil na pequena propriedade rural. Atividades como a realização do seminário Criança e Adolescente: Quem deve cuidar? Quem deve proteger?, pela Promotora da Infância e da Juventude de Santa Cruz do Sul (RS), em dezembro de 2001, e a publicação do livro *A Caminho da Escola: 10 Anos de Luta pela Erradicação do Trabalho Infantil no Brasil*, lançado em junho de 2002.



No começo do programa, uma das maiores dificuldades era convencer os pais de que os filhos deveriam só frequentar a escola. "A maior barreira encontrada foi a resistência das famílias. Muitas achavam que crianças de 10, 12 anos tinham que trabalhar pra dar valor e aprender a cuidar da propriedade. Isso é uma questão cultural, os pais não entendiam que o estudo era prioridade", conta Maurilo Casemiro, mentor e consultor do programa. Mas os frutos de O Futuro É Agora! recompensaram o esforço inicial. "Com paciência e muito trabalho, o programa está, aos poucos, conseguindo mudar esse pensamento e os resultados vêm sendo bem positivos", afirma o consultor.

Para a promotora Roberta Brenner de Moraes, a primeira etapa já foi cumprida, que é a de conhecimento do programa pelo produtor. Cerca de 45 mil pequenos produtores foram conscientizados por meio desse trabalho.

Reneo Guecks, 52 anos, estudou até o que corresponderia hoje à 5ª série do ensino fundamental e sua mulher, Érica Maria Guecks, 53 anos, concluiu apenas a 4ª série. Os dois começaram a trabalhar na lavoura com 10 anos e hoje dão muita importância ao estudo do filho, Ricardo Mateus Guecks, 12 anos. "Na minha época faltava incentivo dos pais. Hoje, até a cabeça da criança mudou. Ela sabe que é necessário estudar e os pais também", revela Reneo Guecks. Jordana Martim, 14 anos, também conta com o apoio dos pais. "Eles me incentivam e dizem que, se eu quiser ter um futuro e ganhar meu dinheiro, preciso estudar", diz ela. A mãe de Jordana, Aléria Beatriz Beiks Martim, 34 anos, coloca o estudo da filha em primeiro lugar. "Tive contato com um dos orientadores, que reforçou a idéia que eu e meu marido já tínhamos, de que lugar de criança é na escola."

O Futuro É Agora! divide-se em três projetos. O primeiro é o Protetor da Criança e da Terra, que tem como meta conscientizar os pais e fazê-los assumir o compromisso de que seus filhos completem pelo menos o ensino fundamental. O segundo projeto, o Indústrias Parceiras da Escola, reconhece, certifica e estimula empresas que ajudam as escolas rurais. O terceiro — Criança Feliz É Criança Que Estuda — é uma campanha de esclarecimento público sobre a necessidade de as crianças frequentarem a escola e sobre a erradicação do trabalho infantil. Grande parte do trabalho é realizado por cerca de 600 orientadores agrícolas da indústria do fumo, que levam informações e materiais sobre o programa aos produtores rurais. Isso inclui um termo de adesão, documento em que o produtor se compromete com a educação dos filhos e com a erradicação da mão-de-obra infantil.

Outra etapa do programa é dar apoio a cursos de capacitação técnica para filhos dos produtores juntamente com entidades como o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar). Fabiana Heloísa Funks, 15 anos,

Educação para Valores	
	
	<p>Programa de Erradicação do Trabalho Infantil na Pequena Propriedade Rural</p>
	
	<p>Programa de Erradicação do Trabalho Infantil na Pequena Propriedade Rural</p>

está cursando o 2º ano do Ensino Médio e fez o curso de administração rural. "Aprendi muitas coisas novas sobre agricultura. Sempre achei que quanto mais a gente aprende melhor é para o nosso futuro", afirma Fabiana. Segundo Cláudio Henn, presidente do Sindifumo e coordenador de O Futuro É Agora!, 1,5 mil jovens foram beneficiados no ano de 2002 com os cursos de especialização, como o de administração rural.

Graças à pesquisa Universo Valorativo de 2002, aplicada e tabulada pelo Instituto Vox Populi, foi possível concluir que as ações do Instituto Souza Cruz pela erradicação do trabalho infantil já trouxeram resultados. A primeira, realizada em 2000, foi o ponto de partida sobre o tema, com base no programa que estava sendo lançado. Em 2002, a pesquisa feita nos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná mostrou que 45% dos pais entrevistados incentivam os filhos a estudar até o ensino superior, enquanto que para 36,5% basta chegar ao ensino médio. "O mais importante foi ver que as famílias têm a escola como grande valor", diz Maria Júlia Azevedo, psicóloga e mestrandia em educação pela Universidade de São Paulo (USP). A pesquisa também revelou que os pais ainda valorizam muito o trabalho, principalmente para crianças com mais de 12 anos. Segundo Maria Júlia, as famílias fizeram uma hierarquização, na qual crianças até 12 anos não podem trabalhar. Mas acreditam que, a partir dessa idade, os adolescentes devem realizar alguma atividade para aprender a cuidar da terra, que será a herança deles. Outro ponto importante é que já foi incorporada na cultura dos pais a idéia de que menores de 18 anos não podem mexer com agrotóxicos.

Para complementar o programa de erradicação do trabalho infantil na pequena propriedade, em 2002 foi desenvolvida a Jornada Integral Escolar, que inclui atividades depois das aulas para crianças do ensino fundamental. O programa já está sendo implantado nos municípios de Agrolândia (SC), Lajedo (PE) e Sinimbu (RS). "No turno que antecede as aulas ou depois da escola, haverá atividades como agroecologia, dicas de higiene, aulas de teatro e dança. Além disso, vamos desenvolver ações para que elas vejam a agricultura como negócio", conta Paulo Cezar

Schilichting, prefeito de Agrolândia, onde o programa deve atender 70 crianças. Em Lajedo a Jornada Integral já conta com 178 alunos. "No início, os pais achavam que os filhos tinham de ajudar na agricultura e foi difícil convencê-los de que eles deveriam ficar em tempo integral na escola. Mas conseguimos mostrar a importância disso para o futuro e mudamos o posicionamento deles", avalia Antônio João da Silva, presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Lajedo. Para Rosani Kainitz, secretária de Educação, Cultura e Turismo de Sinimbu, a parceria é uma forma de preservar a infância e dar conhecimentos às crianças para que se tornem cidadãos completos. "O programa vai oferecer três atividades a cerca de 230 alunos: esporte e recreação, música e informática, dando-lhes a oportunidade de ampliar os conhecimentos", afirma a secretária.

Outra iniciativa do Instituto Souza Cruz para a ampliação do debate sobre a questão do trabalho infantil, em 2002, foi a publicação do livro *A Caminho da Escola – 10 Anos de Luta pela Erradicação do Trabalho Infantil no Brasil*. Para Daniel De Bonis, coordenador do programa Empresa Amiga da Criança, da Fundação Abrinq, o diferencial da obra é mostrar a história e as soluções que foram encontradas durante esses 10 anos de luta. Segundo Caio Magri, coordenador do programa Ribeirão Jovem, a publicação é um documento de consulta e de referência para a erradicação do trabalho infantil e inspira outras iniciativas.

"O livro, lançado pelo instituto, além de ser uma excelente cobertura histórica, apresenta os fatos e momentos mais importantes na luta que a sociedade brasileira vem enfrentando no combate ao trabalho infantil", afirma Pedro Américo Oliveira, coordenador do Programa Internacional de Eliminação do Trabalho Infantil (Ipec). Antonio Campino, professor titular junto ao Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, também ressalta a relevância do trabalho. "Ele constituiu um marco na divulgação de uma filosofia de erradicação do trabalho infantil no Brasil. É extremamente importante que o instituto continue com iniciativas como essa."

## Educação para Valores



Programa de Erradicação do Trabalho Infantil na Pequena Propriedade Rural

O FUTURO É AGORA POR LÉO VOIGT\*

O trabalho infantil constituiu-se num dos paradoxos de nosso tempo e num desafio à sociedade brasileira. De um lado, é necessário o combate tenaz e inarredável pela retirada de crianças da produção econômica, devolvendo-as às atividades escolares, de lazer e ao convívio social próprio da idade. Lembramos que, muitas vezes, a criança e o adolescente realizam trabalhos penosos e perigosos, que os afastam da escola, do convívio familiar e da comunidade de origem.

De outro, temos adolescentes que vêem no trabalho a única forma de subsistência e reprodução das condições produtivas da unidade familiar na qual estão inseridos. No futuro, são eles que comandarão essas unidades, a exemplo das pequenas propriedades unifamiliares gaúchas de produção rural.

Nos grandes centros urbanos, em especial nas áreas de exclusão social, os adolescentes enfrentam outros desafios. Trabalho e renda são elementos de integração social, resistência a fórmulas alternativas ilegais e fator de acesso a bens e status.

Daí a importância da conscientização das empresas na contratação de adolescentes aprendizes, a partir dos 14 anos conforme permite a lei. Conheci o projeto O Futuro É Agora! desde o princípio. Convivi profundamente com a cultura e as condições das populações cuja unidade de produção é a pequena propriedade rural, baseada na mão-de-obra familiar. Minha família tem justamente essa origem, com raízes na região fumicultora do interior do Rio Grande do Sul.

O que vejo no projeto O Futuro É Agora! é uma efetiva ação de acompanhamento, estímulo e orientação para que os agricultores garantam, na dimensão que esse desafio representa, a frequência das crianças à escola e o direito à infância sem comprometer o vínculo familiar e a continuidade dessa bem-sucedida unidade de produção.

*\*Cientista político, presidente do Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (Gife-Brasil), superintendente-executivo da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, conselheiro da Fundação Maurício Sirotsky e diretor da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi)*

Segundo dados da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Santa Cruz do Sul (RS), o índice de evasão entre alunos do ensino fundamental regular noturno caiu de 39,83% para 20%

## Principais atividades em 2002

- ◆ Lançamento do livro *A Caminho da Escola – 10 anos de Luta pela Erradicação do Trabalho Infantil*, da jornalista Andréia Peres e da fotógrafa Nair Benedicto, em Porto Alegre, São Paulo, Florianópolis e Curitiba.
- ◆ Elaboração do projeto Jornada Integral Escolar.
- ◆ Em janeiro, mais um grupo de produtores rurais, sob a coordenação do Sindifumo e da Afubra, recebeu a certificação de Protetor da Criança e da Terra. Também no primeiro semestre desse ano, foi realizado um novo levantamento do Universo Valorativo para comparação com o estudo anterior.
- ◆ Conscientização de 45 mil produtores rurais.
- ◆ Campanha de esclarecimento público sobre o tema.

Educação  
para  
ValoresPrograma de  
Erradicação do  
Trabalho  
Infantil na  
Pequena  
Propriedade  
Rural



## CONSTRUINDO O FUTURO

Em 2002, o programa estabeleceu parcerias com o Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, com a Associação Brasileira da Indústria da Panificação e da Confeitaria (Abip) e com a Associação Brasileira de Restaurantes e Empresas de Entretenimento (Abrasel) e ingressou em uma nova fase

Criado em 2000, o programa Varejo Socialmente Responsável nasceu com a missão de sensibilizar os pequenos varejistas para a necessidade de eles assumirem uma postura socialmente responsável, que demonstrasse seu compromisso com a comunidade.

Desde então, foram realizados três fóruns nacionais de tendências e responsabilidade social do varejo e diversos fóruns setoriais, coordenados pela Fundação Getúlio Vargas/SP. Segundo Jacob Jacques Gelman, professor da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo e coordenador do curso de nova gestão de marketing no varejo, eles alcançaram plenamente os seus objetivos: disseminaram o conceito de responsabilidade social e as novas tendências do setor.

Em 2002, o programa entrou em uma nova fase. Estabeleceu parcerias com o Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, com a Associação Brasileira da Indústria da Panificação e da Confeitaria (Abip) e com a Associação Brasileira de Restaurantes e Empresas de Entretenimento (Abrasel) para a elaboração de um conjunto integrado de Indicadores de Responsabilidade Social Empresarial, adaptados à realidade desses segmentos.

Os panificadores foram os primeiros a auto-avaliar suas práticas de responsabilidade social. "A escolha foi perfeita. As panificadoras estão muito bem estruturadas em quase todos os estados", afirma Homero Santos, professor da Fundação Dom Cabral, de Belo Horizonte, diretor da Fractalís Renovação Empresarial e coordenador dessa fase do programa. "A panificação tem potencial para ser um agente de transformação." Os números reforçam a sua importância. Há 52 mil padarias no Brasil, que geram 580 mil empregos dire-

*"Com grata surpresa, participei do 3º Fórum Brasileiro de Tendências e Responsabilidade Social do Varejo, onde o relacionamento entre clientes e sua cadeia de fornecedores e subfornecedores se constrói não apenas na dimensão comercial mas igualmente, e talvez principalmente, no compartilhamento da responsabilidade social"*


*Horacio Lafer Piva, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp)/ Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp)*

tos e têm um faturamento de 17 bilhões de reais.

Além dos indicadores, o setor também ganhou um guia educativo, elaborado por Homero Santos, que mostra a importância desse novo posicionamento para os negócios e capacita os panificadores para a sua prática.

Homero Santos desenvolveu os indicadores para a panificação com base em um trabalho consagrado do Instituto Ethos, criado para ser aplicado predominantemente em grandes empresas. "Não faz sentido reinventar a roda", explica.

A auto-avaliação abrangeu 13 estados das cinco regiões do país. Cada associação ou sindicato regional vinculado à Abip organizou uma reunião com panificadores locais para o preenchimento de um questionário, denominado modelo completo, com 35 indicado-

Educação para Valores	
	
Varejo Socialmente Responsável	

res, divididos em sete temas: Valores e Transparência, Público Interno, Meio Ambiente, Fornecedores, Clientes, Comunidade e Governo e Sociedade.

Os cerca de 300 questionários preenchidos foram tabulados e, depois, devolvidos para que cada panificador pudesse conhecer a sua posição comparada à pontuação média do setor.

Um modelo simplificado, com apenas 16 indicadores para os mesmos sete temas, foi enviado por correio para os cerca de mil panificadores participantes do Programa de Apoio à Panificação (Propan), um conjunto de cursos em gestão patrocinado pela Abip e pela Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo).

"Os panificadores que responderam ao questionário completo tiveram a oportunidade de tomar contato com o assunto com mais profundidade", avalia o professor. Já o modelo simplificado teve, segundo ele, um impacto sensibilizador.

"O setor de panificação já tinha uma atuação social bastante forte, mas nunca foi organizada. Os indicadores vão dar uma direção ao negócio", reconhece Marcos Salomão, presidente da Abip.

A Abrasel passou por processo idêntico. "O diagnóstico vai permitir a definição de prioridades e o desenvolvimento de um trabalho de responsabilidade social mais consolidado", afirma Sérgio Bezerra, presidente da Abrasel. ♦

**"O Instituto Souza Cruz viabilizou os primeiros indicadores setoriais que o Ethos vem buscando promover. Além de trabalhar de forma mais profunda o engajamento de um setor específico, eles traduzem de forma concreta que as pequenas e médias empresas também podem conduzir seus negócios com responsabilidade social"**

*Paulo Itacarambi, diretor-executivo do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social*

## PÃO, EDUCAÇÃO E ARTE

"Sempre quis aprender flauta, mas não tinha oportunidade", desabafa Stenio Ferreira de Freitas, 11 anos, um dos alunos beneficiados pelo projeto Pão, Educação e Arte, promovido pelo Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria do Estado do Ceará com o apoio do Grupo de Ação de Responsabilidade Social e da empresa Reciclaço e o patrocínio do Moinho Dias Branco e do Instituto Souza Cruz.

Stenio estuda flauta na Panetutte, padaria de Fortaleza, que tem 14 funcionários. Ela foi uma das primeiras a se engajar no programa, que atende 12 alunos, de 12 a 15 anos.

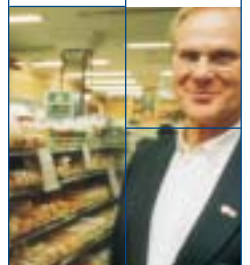
"Hoje, sei que tenho um futuro bom. Meu objetivo é ser musicista. O programa é como um sonho se realizando", diz Francisca Samara Moura Barroso, 15 anos, que estuda percussão graças a outra padaria de Fortaleza, a Pão de Forno. Com 35 funcionários, ela patrocina o curso para 15 alunos, de 12 a 15 anos.

Tudo começou com uma palestra sobre responsabilidade social feita pelo Instituto Souza Cruz em Fortaleza, em 2000, durante o congresso anual da Abip. "O instituto mostrou exemplos de responsabilidade social de pequenas empresas, e a gente percebeu que poderia fazer alguma coisa", conta Lauro Martins, coordenador do programa.

O objetivo do projeto é usar arte e educação como um instrumento para o resgate da sensibilidade e da cidadania de adolescentes entre 12 e 15 anos. Há grupos de música, coral, futebol, pintura e balé. O programa teve início em agosto de 2002 com cinco padarias. Atualmente, 11 padarias estão engajadas no projeto, que atende 183 adolescentes provenientes de escolas públicas das comunidades mais carentes de Fortaleza.

"Percebemos o desenvolvimento desses jovens e acompanhamos o seu desempenho escolar, que tem melhorado bastante", avalia Lauro Martins. "Para eles, a vida passa a ter outro significado e, para nós, é gratificante verificar isso."

Educação  
para  
Valores



Varejo  
Socialmente  
Responsável




## APOIO À FORMAÇÃO INTEGRAL DO JOVEM RURAL

Com base no conceito de protagonismo juvenil, a área de Educação para o Empreendedorismo visa ao desenvolvimento integral do jovem e à busca de formas sustentáveis de geração de renda, resultando na melhoria da qualidade de vida da comunidade rural.

O **Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (Cedejor)** é resultado desse esforço. Busca formar empreendedores que atuem no sentido do desenvolvimento local integrado e sustentado. A idéia é que o jovem não apenas crie novas oportunidades para si mas também pense em alternativas que gerem oportunidades para outros jovens de sua comunidade.

Inaugurado em julho de 2001, no Rio Grande do Sul, o Cedejor conta hoje com três núcleos de atuação nesse estado. No final de 2002, o Instituto Souza Cruz viabilizou a implementação de mais um centro, no município de Lauro Müller (SC).

Educação para o Empreendedorismo	
	
	Cedejor

## O JOVEM RURAL COMO PROTAGONISTA

O Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (Cedejor) investe na formação de empreendedores que atuem no sentido do desenvolvimento local integrado e sustentável. Em 2002, o Cedejor ganhou mais um núcleo, o de Lauro Müller, em Santa Catarina

"Entrei no Cedejor pela possibilidade de fazer alguma coisa na minha propriedade, mas ele está me ajudando em todos os aspectos da vida: na escola, em casa, na comunidade. Mudou o meu conhecimento e a minha percepção das coisas", diz Marília Cristina Jesuino, 17 anos. "Pensava em sair da roça para trabalhar em outro lugar. Hoje, quero montar alguma coisa na minha propriedade", afirma Douglas Faquin, 15 anos.

Os dois fazem parte de um grupo de 40 jovens que ingressaram no Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (Cedejor) de Lauro Müller, em Santa Catarina, no final do ano passado. "Em geral, é perceptível o aumento do grau de compreensão nas atividades escolares. Também há uma preocupação crescente com o meio ambiente e com o desenvolvimento sustentável. Eles estão exercendo o papel de sujeito nas suas comunidades", avaliam José Yvan da Costa Junior, Eliando Giongo e Zeni Ferreira de Oliveira, membros da coordenadoria executiva do Cedejor de Santa Catarina.

No Brasil, há mais de 6 milhões de jovens vivendo em áreas rurais. Foi pensando no imenso potencial deles que o Instituto Souza Cruz passou a investir na

comunidade, resultando na criação do Cedejor. Baseado no conceito de protagonismo juvenil, ele visa o desenvolvimento integral do jovem rural e a busca de formas sustentáveis de geração de renda.

Para ingressar no centro, os candidatos devem ser filhos de pessoas ligadas ao meio rural, ter entre 15 e 24 anos e muita vontade de aprender e de empreender.

Cada ciclo do Cedejor dura três anos e é fundamentado na pedagogia da alternância. Desenvolvida na França por volta de 1930, sua principal característica é a permanência alternada dos jovens na escola e na propriedade rural.

Criado em julho de 2001, após um processo de construção coletiva (veja o artigo "A Construção de um Caminho", na pág. 24), o Cedejor conta hoje com três núcleos no Rio Grande do Sul (o de São Martinho, em Santa Cruz do Sul, e os de Albardão e Casa Jesus Maria José, na região de Rio Pardo) e um em Santa Catarina (Lauro Müller).



"Os principais resultados do programa estão centrados na melhora da auto-estima dos jovens e de suas famílias", diz Fernando Henrique Schwanke, engenheiro florestal e presidente do conselho consultivo do Cedejor/RS. "Os jovens hoje dizem: 'Eu sou capaz, nós somos capazes!' Isso é uma transformação brutal."

O Cedejor é, segundo ele, uma ONG que está amadurecendo. "Temos enfrentado muitos desafios e alguns percalços, mas todas as caminhadas são assim", afirma. "Os resultados com os jovens são excelentes e estão transformando a vida deles, de suas famílias e das comunidades onde os núcleos estão inseridos."

No ano passado, em Albardão, por exemplo, 16 jovens resolveram dar aulas de informática para a comunidade onde vivem. Cerca de 100 pessoas estão sendo beneficiadas por esse trabalho voluntário.

**"A sistemática do Cedejor é bastante interessante. Contempla a prática com o conhecimento teórico e mantém o vínculo do jovem com a sua realidade e com a propriedade"**

*Jorge Kämpf, engenheiro-agrônomo e diretor-secretário da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra)*

Educação para o Empreendedorismo	
Cedejor	
	Cedejor

"Observamos nos jovens uma mudança geral", afirma Eriton da Silva Rocha, coordenador do núcleo de Albardão. "Eles estão conhecendo melhor a propriedade e encarando-a como uma empresa rural, se preocupam com a preservação do meio ambiente e sentem-se importantes para a comunidade."

A educadora e psicóloga Maria Lêda Lopes da Silva acredita que um dos grandes méritos do programa é ampliar a escola formal em vez de substituí-la. O ciclo de três anos também trabalha, segundo ela, com a perspectiva do desenvolvimento humano sustentável e de uma educação integral.

"A proposta é aberta ao processo. Isso é importante num programa que tem por princípio trabalhar o desenvolvimento humano sustentado na perspectiva do empreendedorismo", afirma a educadora.

"Quando visitamos o Cedejor de Albardão, em Rio Pardo, a filha dos donos da propriedade veio nos receber. Ela estava totalmente motivada, coisa que a gente não vê nos jovens que trabalham na área rural", constata Marilza Biolchi, economista e técnica do Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais (Deser).

Marilza esteve nos dois núcleos do Cedejor em Rio Pardo em dezembro do ano passado e ficou impressionada com a conscientização dos participantes sobre a importância do trabalho rural. "O programa valoriza a permanência dos jovens na propriedade. A iniciativa é muito boa. Precisamos de mais Cedejors por aí", conclui.

Em 2002, após um ano de atividades, foi realizada a primeira avaliação do Cedejor. Nessa primeira etapa, todo o esforço ficou concentrado em torno dos aspectos relativos a conhecimentos, habilidades e valores.

Os participantes deram mais importância aos conhecimentos relacionados a aspectos técnicos. Também aprenderam sobre eles mesmos (a gostar de si e a valorizar-se) e a se relacionar melhor com as outras pessoas. "Se considerarmos que a confiança em si é um dos requisitos para o empreendedorismo e que a confiança no outro é um fator importante para o desenvolvimento da comunidade, verificaremos que os resultados pretendidos pelo programa já dão os pri-

meiros sinais", revela o estudo.

Quanto às famílias, elas atribuem maior valor aos conhecimentos adquiridos pelos jovens nas áreas de agroecologia e de relações humanas, associando a utilização dos conhecimentos à prática e à melhoria da propriedade. Com relação às atitudes, destacam maior interesse pela propriedade e maior dedicação e rendimento escolar, aquisição de novos conhecimentos e aumento da responsabilidade por parte dos jovens. Também indicaram que os filhos estão compartilhando as coisas novas que aprendem, o que tem possibilitado melhorar o relacionamento familiar.

Já as escolas revelaram que os alunos adquiriram novos conhecimentos técnicos e de relacionamento. Como mudanças, identificam uma lista bastante positiva: responsabilidade, motivação, interesse, participação, assiduidade, maturidade, iniciativa, valorização da vida, melhoria no relacionamento com professores, comunicação e esforço. A repercussão no desempenho escolar aponta para mais incentivo, motivação, interesse em aprender e desinibição nas aulas. Os alunos, segundo o estudo, também mostraram-se mais questionadores e preocupados com problemas sociais.

Para o jurista André Viana Custódio, pesquisador

**"O Cedejor é uma experiência significativa com os jovens da agricultura familiar do município de Lauro Müller. Destaco o envolvimento da família e a presença participativa desses jovens nos dias de aulas e em atividades de intercâmbio"**

*Marcos Rodrigues da Silva, sociólogo e gerente da área de projetos especiais da Secretaria de Reforma Agrária do Ministério do Desenvolvimento Agrário*



Cedejor

do núcleo de estudos jurídicos e sociais da criança e do adolescente da Universidade Federal de Santa Catarina, o principal ponto positivo do Cedejor é o desenvolvimento da formação humanística, fortalecendo o exercício e a construção da cidadania juvenil. "Percebemos que, embora a expectativa imediata dos jovens esteja voltada à formação técnica, é no processo de formação humanística que eles efetivamente participam e se constroem enquanto sujeitos capazes de transformar suas vidas, a de suas famílias e da própria comunidade", diz ele.

"Mudaram as relações interpessoais e o envolvimento com a família. Os jovens se sentem mais participantes e também passaram a enxergar as possibilidades do meio rural", avalia Jovani Augusto Tuntel, coordenador do núcleo da Casa Jesus Maria José, em Rio Pardo, que atende 32 pessoas.

"Fiquei mais comunicativa e menos retraída", afirma Diane Eifler Silva, 19 anos, que está no núcleo de Albardão, em Rio Pardo. Segundo ela, depois do Cedejor, a relação com o meio rural é outra. "Era meio desligada. Hoje, quero saber os limites da propriedade, como o meu pai trabalha, se todas as terras estão sendo bem aproveitadas", conta. Graças a Diane, a família instalou um minhocário e começou a trabalhar com peixes.

"A mudança foi bastante grande", concorda Luís Miguel dos Santos e Silva, pai de Diane. "Ela se interessa mais pela propriedade e está mais próxima da família. Também enfatizou a responsabilidade, o compromisso", reconhece.

Paulo Henrique Rocha Faria Júnior, procurador jurídico da Assembléia Legislativa de Santa Catarina e conselheiro estadual da Ordem dos Advogados do

**"O Cedejor tem um papel importante na prevenção e na erradicação do trabalho infantil e na percepção das necessidades de uma ação mais eficaz em torno da prevenção e erradicação do trabalho precoce"**



*André Viana Custódio, jurista e pesquisador do Núcleo de Estudos Jurídicos e Sociais da Criança e do Adolescente da Universidade Federal de Santa Catarina*

Brasil, vai além. Segundo ele, o Cedejor é um trabalho de extrema importância para o seu estado. "Ajudará na qualificação dos jovens e irá refletir em toda a produção do município de Lauro Müller, onde o núcleo está instalado", acredita. "É um processo de transformação a médio prazo."

Para a coordenadoria executiva do Cedejor de Santa Catarina, os jovens representam uma parcela da sociedade brasileira esquecida pelas políticas públicas, o que é, de acordo com a equipe, ainda mais grave em relação à realidade da área rural. "Está na hora de compreendermos esses jovens como sujeitos na essência da palavra, com habilidades desenvolvidas para transformar essa realidade, começando pelas suas famílias, comunidades e regiões", concluem José Yvan da Costa Junior, Eliandro Giongo e Zeni Ferreira de Oliveira. ♦

**"O Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural nasceu sob a instigação do Instituto Souza Cruz e é apoiado por ele. Temos assessoria pedagógica para o programa e esperamos retribuir esse apoio com trabalho e resultados. Se conseguirmos mostrar aos jovens que os caminhos existem e fazer com que eles busquem, cada um à sua maneira, os melhores, estaremos satisfeitos e teremos alcançado os resultados"**

*Fernando Henrique Schwanke, engenheiro florestal e presidente do conselho consultivo do programa*

Educação para o Empreendedorismo	
	
	
	Cedejor

### A CONSTRUÇÃO DE UM CAMINHO

POR SONIA SILVA\*

A primeira preocupação ao implementarmos o projeto piloto do Cedejor foi levantar dados sobre a realidade da região onde iríamos interagir. Um plano de ação para conhecer os atores e as demandas reais da comunidade garantiria a eficácia e procedência do que esperávamos como resultado. Além de um diagnóstico da realidade, partimos do pressuposto de que, para toda intervenção de natureza educativa e social, é preciso fazer a escolha de princípios e conceitos que norteiem o trabalho.

No desafio de construir uma proposta de promoção do empreendedorismo do jovem rural, foi necessário estabelecer uma abordagem teórica e metodológica que, de alguma maneira, facilitasse o entendimento da complexidade social e pessoal vivida pelos jovens rurais, para tornar bem-sucedido o projeto de efetivamente promovê-los – torná-los empreendedores. Nesse sentido foram feitas escolhas conceituais que fundamentassem e balizassem o processo pedagógico com vistas a tornar as ações adequadas às demandas efetivas da população-alvo.

O nome Cedejor (Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural) surgiu durante a caminhada. Ao iniciarmos os debates, as conversas, os encontros com os atores principais desse processo, só tínhamos uma certeza:

a de que o Instituto Souza Cruz apoiaria a proposta que fosse construída com base no coletivo e que promovesse o empreendedorismo do jovem rural.

Os jovens do campo estão aquém do que a sociedade efetivamente deveria oferecer como meio de capitalizá-los em igualdade de condições para escolher entre uma vida rural ou urbana.

O Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural representa a possibilidade de acesso a novos conhecimentos, que vão além da escolarização. Portanto é uma porta que se abre e que, no ato de sua constituição, marcou a importância da formação que pretende desenvolver.

Considerando a experiência do Cedejor e a sua pertinência com as questões relativas ao jovem rural e às estratégias para o desenvolvimento local sustentável, torna-se obrigatória a disseminação dos princípios pedagógicos que referenciam esse trabalho.

O fortalecimento dos projetos e programas voltados para a juventude rural deverá ser um dos atalhos a serem construídos com base no caminho que foi percorrido.

*\* Pedagoga, especialista em avaliação de projetos sociais, com exercício de funções gerenciais e de consultoria nas áreas governamental e não governamental*

#### Principais atividades em 2002

- ◆ Realização do seminário comemorativo do primeiro aniversário do Cedejor RS, em julho.
- ◆ Participação na votação e homologação do estatuto do Cedejor SC.
- ◆ Inauguração do núcleo do Cedejor em Lauro Müller (SC), em dezembro.
- ◆ Participação no Seminário Juventude Rural.
- ◆ Avaliação do primeiro ciclo do Cedejor.

## Educação para o Empreendedorismo



Cedejor



## FUTURO PRESERVADO

Uma nova relação com o meio ambiente e o compromisso de legar às novas gerações condições iguais ou melhores do que as recebidas. Esses são os objetivos do Instituto Souza Cruz em uma das suas áreas de atuação, a de Educação para o Meio Ambiente.

Todos os programas desse bloco refletem essa preocupação. No ano passado, o **Clube da Árvore** completou 20 anos de vida, com mais de 12 milhões de mudas plantadas, mais de 70 mil participantes e 1,8 mil clubes em atividade. Já o **Hortas Escolares** conseguiu mobilizar 129 mil alunos em 279 municípios, além de contar com o auxílio de 6 mil professores.

Em 2002, além de continuar apoiando o programa **Verde Mais**, que refloresta encostas de morros cariocas, evitando deslizamentos, o Instituto Souza Cruz também passou a investir no **Projeto de Recuperação e Conservação de Manguezais** no entorno da Baía de Guanabara, o maior programa de replantio de manguezais do Brasil.

Educação para o Meio Ambiente	
	
	Manguezais
Verde Mais	
	
	Clube da Árvore
	
Hortas Escolares	

MAIS QUALIDADE DE VIDA

Graças à parceria do Instituto Souza Cruz com a Fundação OndAzul, dois programas estão mudando a vida de comunidades carentes do Rio de Janeiro. Enquanto o Verde Mais refloresta encostas de morros cariocas, evitando deslizamentos, o Consórcio Baía Azul recupera manguezais na Baía de Guanabara

"Em 1988, perdi minha casa, colchão, roupa de cama, fogão, geladeira, tudo numa enchente", conta Maria do Carmo Terra, 38 anos, auxiliar de serviços gerais, moradora do Morro do Pereirão, no estado do Rio de Janeiro, e uma das 10 mil pessoas indiretamente beneficiadas pelo Verde Mais.

O programa envolve reflorestamento de encostas com risco de deslizamentos aliado a um trabalho de saneamento, educação ambiental e capacitação dos moradores. Ao todo, estão sendo recuperados 10 hectares de áreas degradadas em quatro morros cariocas: Tavares Bastos, no Catete, Pereira da Silva, conhecido como Pereirão, em Laranjeiras, Armação e Preventório, em Niterói.

O envolvimento da comunidade no programa é fundamental para que todo o esforço não se perca e faz parte, inclusive, da sua estratégia. Em todas as áreas houve, portanto, participação dos moradores.

No Preventório, jovens da TV Comunitária produziram o vídeo *Verde Mais: Semeando Esperança*, exibido em telões na comunidade e nas escolas da região, com o apoio da Secretaria do Meio Ambiente de Niterói. No Pereirão, formou-se uma equipe com três agentes ambientais que, com o apoio da associação de moradores, visitou e orientou a população local. Em todos os lugares em que o programa foi implantado, realizaram-se mutirões de plantio, que reuniram mais de 200 pessoas. "As mudas foram se consolidando especialmente porque as pessoas estão preservando e entendendo a importância dessa vegetação para a tranquilidade dos que vivem no local", afirma Roberto Rocco, coordenador do programa Verde Mais, da Fundação OndAzul.

Desde que iniciou suas atividades, em 2000, o Instituto Souza Cruz apoia o Verde Mais. "Acredito que o

principal ganho do programa com a parceria tenha sido a metodologia de trabalho", avalia Roberto Rocco. "A experiência de campo da Fundação OndAzul e o processo de sensibilização e mobilização social, coordenados pela Coopflora, cooperativa de reflorestamento responsável pelo treinamento e orientação técnica, somados ao modelo gerencial do instituto, foram fundamentais para atingirmos resultados positivos", completa.



O principal objetivo do programa é realizar a contenção das encostas e evitar a ocupação de áreas de risco. "Tivemos a oportunidade de verificar que, nas comunidades onde trabalhamos, não ocorreram deslizamentos de terra", diz Rocco. "O Morro do Preventório tem um histórico triste, com ocorrências de óbito, e não enfrentou grandes problemas desde o desenvolvimento do trabalho."

Nos morros Tavares Bastos e Pereirão, a redução de moradores em áreas de risco foi de cerca de 80%. Áreas que estavam habitadas, apesar do perigo, estão sendo ocupadas pela vegetação, mudando a paisagem e evitando novas construções desordenadas.

Nas quatro comunidades atendidas pelo programa, foram plantadas 35,9 mil mudas de Mata Atlântica. "Participamos do processo de aperfeiçoamento das políticas públicas para essas áreas e promovemos a sensibilização e o entendimento dos moradores quanto à importância da vegetação em encostas", afirma Rocco.

Em 2002, o Instituto Souza Cruz passou a apoiar outro programa da Fundação OndAzul: o Projeto de Recuperação e Conservação de Manguezais no entorno da Baía de Guanabara.

Executado por um grupo de cinco organizações não-governamentais com práticas diferentes, o Con-

Educação para o Meio Ambiente	
	
	Verde Mais
	Verde Mais

sórcio Baía Azul é o maior projeto de replantio de manguezais do Brasil.

Os principais objetivos são a recuperação de áreas degradadas e o incentivo ao desenvolvimento social e econômico do uso sustentável dos recursos naturais disponíveis.

Com o apoio do Instituto Souza Cruz, o programa, segundo a sua coordenadora, a economista Antonia Ozório da Silva, já gerou 17 empregos diretos e recuperou uma área de 5 hectares. "O instituto teve fundamental importância nesse processo, contribuindo de forma decisiva para o cumprimento das atividades delineadas no projeto", diz ela. ♦

### Principais atividades em 2002

- ♦ Em outubro, foi estabelecida nova parceria com a Fundação OndAzul no Projeto de Recuperação e Conservação de Manguezais no entorno da Baía de Guanabara.
- ♦ Conclusão dos reflorestamentos.

**"Participamos do processo de aperfeiçoamento das políticas públicas para as áreas do programa e promovemos a sensibilização e o entendimento dos moradores quanto à importância da vegetação em encostas, além de termos recuperado as condições das nascentes de água do Preventório"**

*Roberto Rocco, coordenador do programa Verde Mais, da Fundação OndAzul*

### O MEIO AMBIENTE AGRADECE POR ALFREDO SIRKIS\*

A Fundação OndAzul (FOA) nasceu com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável por meio de ações que visassem à preservação, conservação e otimização do uso sustentado das águas brasileiras, ecossistemas associados e demais biomas brasileiros. Com o início das ações, percebemos que a necessidade de atuação da FOA deveria ser ampliada e que poderíamos aplicar no campo prático novos conceitos de ação participativa, com conhecimento técnico, que se tornariam referência e poderiam interferir em políticas públicas.

Entre os projetos trabalhados pela OndAzul, podemos destacar o programa Verde Mais e o Consórcio Baía Azul, de recuperação e conservação de manguezais na Baía de Guanabara. O Verde Mais recuperou encostas, ocupou áreas de risco, produziu debates comunitários e educação ambiental. Foram quase 40 mil novas mudas de Mata Atlântica plantadas. O Consórcio Baía Azul é o maior projeto de replantio de manguezais do Brasil. Promoveu a capacitação de vários agentes ambientais, uma rede de educação ambiental com cerca de 150 escolas envolvidas e o resgate da

auto-estima dos pescadores e da comunidade local, tragicamente atingidos pelo acidente que derramou milhões de litros de óleo na Baía de Guanabara, comprometendo diretamente a qualidade de vida dessa população.

Nesses dois projetos, a OndAzul conta com a parceria do Instituto Souza Cruz. Essa parceria foi fundamental para o desenvolvimento das ações necessárias ao sucesso dos projetos. O surgimento e a consolidação do Instituto Souza Cruz devem ser saudados por todos que trabalham no campo social, ambiental e cultural, como é o nosso caso.

A parceria Fundação OndAzul e Instituto Souza Cruz já gerou resultados objetivos e significativos para a vida de muitas pessoas, produziu qualidade ambiental, promoveu cidadania e, para nós, deveria se estabelecer como uma parceria permanente, com um padrão de qualidade aprimorado e ampliação dos programas e projetos. O meio ambiente agradece.

*\*Secretário de Urbanismo do município do Rio de Janeiro e membro do conselho curador da Fundação OndAzul*

### Educação para o Meio Ambiente



Verde Mais



Manguezais

## COLHENDO BONS FRUTOS

O Clube da Árvore completou 20 anos de existência em 2002 com mais de 12 milhões de mudas plantadas. Na teoria e na prática, o programa ajuda a recuperar e a preservar a natureza



O ano de 2002 foi um marco para o Clube da Árvore. Para registrar os seus 20 anos de vida foi lançado o livro *Semeando Valores*, que resgata a história do programa e de pessoas que passaram por ele. "O livro serviu para valorizar resultados e reunir depoimentos de pessoas que, de alguma forma, fizeram o sucesso do Clube", diz Saul Bianco, coordenador do programa. No ano passado, também foram lembrados os temas abordados pelo Clube da Árvore nesses 20 anos, como preservação do solo, aves e cultivo de plantas ornamentais. Os clubes receberam ainda o livro *Arborização de Vias Públicas: Ambiente e Vegetação*, editado em parceria com a Universidade Federal de Santa Maria (RS).

O Clube da Árvore surgiu em 1982 de uma iniciativa da Souza Cruz para conscientizar os filhos dos produtores rurais sobre a importância da preservação e recuperação do meio ambiente. Seu grande mérito é a capacidade de motivar e ampliar a consciência ecológica. "Os professores dizem que os alunos mudam de comportamento depois que participam do Clube. Eles começam a ter mais responsabilidade e se tornam menos agressivos, já que descarregam o estresse no cuidado com as mudas", conta Raquel Rabuske, responsável operacional do programa. No início, o trabalho era feito pelos próprios orientadores agrícolas, que visitavam os colégios e acompanhavam a produção das mudas. Em 1997, ganhou força com a distribuição dos materiais a escolas e entidades tanto da área rural quanto urbana. Segundo Bianco, com isso o foco inicial, baseado principalmente na produção e no plantio de mudas, foi ampliado. Antes da mala direta, só havia clubes em locais de atuação da Souza Cruz. Agora, boa parte deles está na área urbana e tem como objetivo também ampliar a consciência ecológica.

O programa ajudou a plantar mais de 12 milhões de mudas e, em 2002, esteve presente em 631 municípios, com mais de 70 mil participantes e 1,8 mil clubes em atividade. Foram enviados cerca de 2 mil kits com cartazes, livros, jornal, jogos educativos, pôsteres, caderno, vídeo, saquinhos plásticos para a produção de mudas, fita para marcação de canteiros e cartela com sementes. A adesão da escola é feita por uma carta-convite, que é enviada pela coordenação do programa no início do ano letivo. Além disso, ao receber o kit, os alunos ainda elegem a diretoria, discutem os objetivos a ser alcançados e escolhem o nome que darão ao clube. A cada ano, é definido um tema ligado ao meio ambiente para ser trabalhado.

Os alunos desenvolvem a atividade dentro e fora das salas de aula. De acordo com a professora Cleusa Weber Rolling, da Escola Estadual Vereador Paulo França, no município de Itoporanga (SC), que atua no Clube da Árvore desde 1987, o programa incentiva muito a preservação ambiental e o reflorestamento da região. "No ano de 2002, foram plantadas cerca de 3 mil mudas, o que mostra a empolgação dos alunos", afirma a professora. Eduardo Rengel e Daniela Becker, ambos com 14 anos, participaram do programa e destacaram a sua preocupação com a conscientização ambiental. "O que eu mais gostei de fazer foi o reflorestamento de um terreno baldio que tem atrás da escola. Isso ajuda a conscientizar as pessoas sobre a importância da preservação e recuperação da natureza", conta Eduardo. ♦

Os 20 anos do Clube da Árvore foram comemorados com um livro, lembrando a história do programa, que hoje conta com 1,8 mil clubes em atividade e mais de 70 mil participantes em 631 municípios

Educação para o Meio Ambiente	
Clube da Árvore	
Clube da Árvore	

## EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA TEORIA E NA PRÁTICA

Ensinar e estimular os estudantes a produzir hortaliças para aumentar o plantio e o consumo de verduras e legumes é o principal objetivo do programa Hortas Escolares

"Com o que aprendi no Hortas Escolares, consegui fazer uma horta em casa e agora minha família pode comer alface e cebola produzidas nela", conta Thiago Arnt, 15 anos. Roberto Segatto Bisognin, 12 anos, também usufruiu dos ensinamentos do Hortas: "Gosto muito do programa, porque dá a oportunidade de cultivar em casa do mesmo modo que aprendemos na escola", diz ele. Os dois meninos são alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Germínio Rubert, no município de Segredo (RS), que está no Hortas Escolares desde 1999. A diretora da escola, Neivani Cremonese Puntel, considera que a importância do programa é a participação de todos: funcionários, alunos e pais. "Para não sobrecarregar ninguém nas atividades de preparação dos canteiros, fazemos um rodízio com os pais e com os funcionários, ficando com os alunos as práticas educativas." Neivani ressalta também a utilização do Hortas Escolares em todo o conteúdo escolar.

Justamente por poder ser trabalhado em todas as disciplinas, o programa é um tema transversal e está adequado aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), divulgados pelo MEC.

Tudo começou quando se constatou que as famílias das áreas rurais, como as de Santa Cruz do Sul (RS), não tinham o hábito de comer verduras e legumes. Para incentivar o consumo de hortaliças, foi criado, então, em 1979, o Concurso Hortas Escolares, já que naquela época o agricultor da região chegava a comprar hortaliças provenientes de outros lugares. Em 1985, o concurso virou programa e passou a ser desenvolvido também em Santa Catarina.

No início do ano letivo, as escolas da rede pública estadual e municipal que têm interesse em participar recebem um kit com material didático, manual do professor e 12 tipos de hortaliças, reunindo todas as

informações necessárias para montar a horta. Os temas abordados mudam a cada ano. O programa já tratou de assuntos como água, adubação e produção de temperos e ervas medicinais. Tudo é feito sob orientação dos professores, que ensinam aos alunos o valor nutritivo dos alimentos, os benefícios de uma alimentação balanceada, noções de higiene e de saúde, além de acompanhar as atividades da horta. Os alunos plantam verduras e legumes, que reforçam e tornam a merenda mais nutritiva, e assim levam para casa o hábito de cultivar e consumir hortaliças. O excedente da produção é repartido entre os estudantes e, em alguns casos, com outras organizações comunitárias. Por meio dos alunos, o programa consegue estimular as famílias a manter hortas nas propriedades e a incluir verduras e legumes no cardápio. Ensina ainda sobre a importância de preservar o meio ambiente. Isso faz com que ele também esteja de acordo com os princípios estabelecidos pela Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), que é de integrar a conscientização ambiental com o desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis. "O resultado está sendo ótimo. Existem até outros estados desenvolvendo programas baseados no Hortas", revela Saul Bianco.

No Rio Grande do Sul, o Hortas conta com a parceria do grupo Gazeta de Comunicação e o apoio das secretarias municipais de Educação e das prefeituras das cidades do Vale do Rio Pardo. Em Santa Catarina, o trabalho é realizado em conjunto com as secretarias estaduais de Educação e Agricultura por meio da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Epagri). Assim, o Hortas Escolares já conseguiu atingir 129 mil alunos em 279 municípios, com o auxílio de 6 mil professores. ♦

Educação  
para  
o Meio  
Ambiente



Hortas  
Escolares

Hortas  
Escolares



AMIGOS DO MEIO AMBIENTE POR ANTONIO CARLOS MACHADO DA ROSA\*

A proposta dos programas Clube da Árvore e Hortas Escolares envolve vários parceiros com sugestões claras, específicas e precisas sobre a atuação em questões ambientais. As idéias e caminhos encontrados por esses programas para executar tarefas simples, como cultivar uma muda, possibilitam a experimentação e convivência de aspectos relacionados à vida e às condições de sua continuidade. O desempenho dessas atividades possibilita uma interação pública na busca de soluções e interesses conjuntos. Os pontos fortes dos dois programas são, justamente, a praticidade e facilidade de execução de trabalhos, associadas a uma oferta de material bibliográfico de qualidade e adequada aos propósitos.

O Clube da Árvore completou 20 anos, que é o tempo ideal para as árvores nativas atingirem um estágio de maturidade produtiva. Assim como elas, o programa está num momento em que sua multiplicação se torna favorável e neces-

sária. Muitos tiveram a oportunidade de adquirir conhecimentos sobre meio ambiente de forma mais dinâmica e facilitada em função da existência do programa. O Clube da Árvore resulta numa tentativa de minimizar os efeitos de um desmatamento desenfreado e omissivo na recomposição da flora e suas conseqüências.

Já o Hortas Escolares, além de trazer o benefício da produção de verduras e de legumes, é elemento de crescimento e de construção das concepções relacionadas ao desenvolvimento sustentável. A proposta de desenvolvimento de vários temas durante o ensino fundamental permite que o programa seja um tema transversal e faz com que tanto o aluno como o professor identifiquem as modificações sobre os mesmos assuntos ao longo dos anos.

*\*Professor do Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural, do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina, e mestre em agroecossistemas*

Principais atividades do Clube da Árvore e do Hortas Escolares em 2002

◆ O Clube da Árvore completou 20 anos e já ultrapassou a marca de 12 milhões de mudas plantadas, tendo hoje cerca de 70 mil participantes e mais de 1,8 mil clubes em atividade.

“Os pontos fortes do Clube da Árvore e do Hortas Escolares são, justamente, a praticidade e facilidade de execução de trabalhos, associadas a uma oferta de material bibliográfico de qualidade e adequado aos propósitos”

*Antonio Carlos Machado da Rosa, mestre em agroecossistemas*

Educação para o Meio Ambiente	
	
	Clube da Árvore
	
	Hortas Escolares


## APOSTA NO DESENVOLVIMENTO

Hoje, no mundo, o turismo é responsável por 8% dos empregos e 11,9% do PIB. No Brasil, os cerca de 2,1 milhões de estabelecimentos turísticos empregam aproximadamente 25 milhões de pessoas.

Esses números grandiosos traduzem a importância do setor, uma das áreas em que o Instituto Souza Cruz vem atuando.

Em 2002, o Instituto Souza Cruz firmou parceria com o Instituto de Hospitalidade e passou a colaborar com o **Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentado da Costa dos Coqueiros**, no litoral norte da Bahia.

Além de ajudar no desenvolvimento do local e colocar a população mais perto da economia do turismo, o programa tem como objetivo despertar e aperfeiçoar o talento das pessoas da comunidade, gente com baixo nível de escolaridade, que conta com acesso precário a meios de transporte e serviços de saneamento básico, como água e esgoto.

Educação para o Turismo	
	
	Programa da Costa dos Coqueiros

### INVESTINDO EM NOVAS OPORTUNIDADES

Desenvolvimento e turismo caminham juntos. Esse é o lema do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentado da Costa dos Coqueiros. Com o apoio do Instituto Souza Cruz, ele tem a finalidade de aprimorar talentos e ajudar no crescimento do local

Uma das novas parcerias de 2002 do Instituto Souza Cruz foi firmada com o Instituto de Hospitalidade (IH), organização não-governamental que implementa programas de capacitação e de apoio ao desenvolvimento sustentável relacionados ao turismo. O instituto participa do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentado da Costa dos Coqueiros, que beneficia diretamente a comunidade da Vila de Sauípe, a cerca de 5 quilômetros do complexo hoteleiro Costa do Sauípe, na Bahia.

O programa abrange uma área com 31 comunidades dos municípios de Mata de São João e Entre Rios, no litoral norte da Bahia.

A parceria se firmou em abril de 2002 e tem como objetivo despertar e aperfeiçoar os talentos das pessoas da comunidade, além de ajudar no desenvolvimento do local e colocar a população mais perto da economia do turismo, sempre preservando as origens socioculturais do lugar e da própria comunidade. Segundo Sergio Foguel, presidente do Instituto de Hospitalidade, mais do que nunca é preciso descobrir possibilidades de crescimento econômico que levem em conta a necessidade de preservação ambiental. É imprescindível ainda difundir a idéia abrangente de sustentabilidade, que vai além da dimensão ecológica, compreendendo os aspectos econômicos, sociais e culturais do desenvolvimento.

A principal função do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentado da Costa dos Coqueiros é fazer com que os moradores dessas comunidades


não desenvolvam apenas atividades de subsistência, como a pesca e agricultura, mas também atividades culturais valorizadas. O trabalho do programa inclui o artesanato, o cultivo da mandioca, a utilização de plantas medicinais e aromáticas, a religiosidade e até brincadeiras típicas. "Quando o complexo hoteleiro foi implantado, a maioria da população não tinha capacidade nem de trabalhar nesses hotéis nem de prestar serviços a eles", revela Silvestre Teixeira, diretor do programa. "Por isso, ele visa resgatar e valorizar coisas que os moradores sabem fazer", acrescenta.

No dia 1º de novembro de 2002, foi inaugurada a Escola de Produção Local, com oficinas de artesanato, técnicas agrícolas, hortas orgânicas e seminários. Com o desenvolvimento do programa, torna-se possível mudar a realidade da comunidade, formada por pessoas com baixo nível de escolaridade, cujo acesso aos meios de transporte e aos serviços de saneamento básico, como água e esgoto, é precário.

Quem já trabalhava com artesanato teve a possibilidade de aperfeiçoar e modernizar as técnicas, além de aprender a organizar e direcionar o trabalho para o turismo. Aurelida dos Santos Gonçalves, 60, e Mirene Tavares da Silva, 56, sempre fizeram artesanato com palha de piaçava. "Depois do programa, aprendi a fazer coisas diferentes, como sabonete, e, com o aperfeiçoamento do meu trabalho, vendo mais artesanato." Mirene está no programa há seis meses e já fez novas amizades. "Tudo melhorou, esse lugar era muito isolado. Agora, com as aulas, tenho a companhia das minhas amigas", revela.

Atualmente, há cerca de 360 artesãos cadastrados, que fornecem a produção para a Loja do Artesão da Vila Nova Praia, no complexo hoteleiro da Costa do Sauípe. "O valor do programa ultrapassa a conquista da auto-estima. Eles viram que têm competência e habilidades que nem imaginavam. A idéia é torná-los pessoas polivalentes, que saibam fazer artesanato, trabalhar com agricultura e como camareira, por exemplo", afirma Silvestre Teixeira.

O Instituto Souza Cruz colabora também no curso de formação de professores de ensino fundamental

Educação para o Turismo	
	
	Programa da Costa dos Coqueiros



do litoral. "A maioria dos professores é leiga, só tem o nível fundamental ou médio. Esse trabalho é feito para que eles acompanhem as mudanças na educação", diz Marta Rocha, coordenadora do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentado da Costa dos Coqueiros. "Antes de participar do programa de capacitação, eu só usava quadro-negro, caderno e livro. Agora uso pesquisas, revistas e debates para dar aula", conta Lucimar Brito Batista, 28 anos, professora do ensino fundamental. Elisângela Silva Ferreira, 29 anos, também sentia dificuldade para diversificar em classe. "Confesso que ficava muito presa ao livro. Hoje minhas aulas estão mais livres e os alunos mais interessados, porque, com o que aprendi no curso, consigo diferenciar o método de dar aula."


A próxima atividade do programa é a criação de uma incubadora de pequenos negócios com o apoio do Instituto Souza Cruz, Sebrae, Senac, Construtora Norberto Odebrecht, Fundação Banco do Brasil e Sauípe S.A.

O programa traduz a filosofia do Instituto Souza Cruz, que vê o turismo como uma forma de gerar desenvolvimento local integrado e sustentável no país. Por isso, apóia projetos educacionais de turismo que valorizem a capacidade empreendedora, preservem a cultura local, ofereçam oportunidade de trabalho e conservem ou recuperem o meio ambiente. Como parceiro, o Instituto Souza Cruz conta com o Instituto de Hospitalidade, que já capacitou 2,9 mil pessoas, das quais 1,1 mil estão trabalhando em estabelecimentos hoteleiros. "A parceria com o Instituto Souza Cruz é fundamental. É o parceiro que melhor entende o programa e também tem como objetivo elevar a qualidade de vida das pessoas", afirma Silvestre Teixeira. Para Sergio Foguel, a parceria com o instituto tem sido extremamente rica. "A contribuição agrega agricultura familiar, uma das mais importantes cadeias produtivas a ser ativada, gerando oportunidades de trabalho e renda para a população das 31 comunidades da região, em interação com os empreendimentos turísticos", diz. ♦

Com o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentado da Costa dos Coqueiros, torna-se possível mudar a realidade de 31 comunidades carentes dos municípios de Mata de São João e Entre Rios, no litoral norte da Bahia

"A parceria com o Instituto Souza Cruz é fundamental. É o parceiro que melhor entende o programa e também tem o objetivo de elevar a qualidade de vida das pessoas"

*Silvestre Teixeira, diretor do programa*

Educação para o Turismo	
	
	Programa da Costa dos Coqueiros

**TURISMO E SUTENTABILIDADE**

POR ADYR BALASTRERI RODRIGUES\*

Embora o conceito e os princípios do desenvolvimento sustentável sejam já de amplo conhecimento, só recentemente vêm sendo divulgados no Brasil os resultados de alguns projetos, como o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentado da Costa dos Coqueiros, na Bahia, implementado pelo Instituto de Hospitalidade em parceria com o Instituto Souza Cruz. Nesse programa, é possível notar características que demonstram objetivamente os três princípios fundamentais da sustentabilidade: eficácia econômica, conservação ambiental e justiça social. Mas o que acontece é que muitas vezes, antes de os complexos hoteleiros se instalem em locais como a Costa do Sauípe, eles prometem desenvolvimento sustentável para a região apenas para passar credibilidade e, no entanto, nem sempre cumprem o que é prometido. Esses três pilares do desenvolvimento sustentável poderiam ser aplicados com o uso de parte do capital dessas empresas. Elas poderiam investir, por exemplo, na capacitação da mão-de-obra local ou em formas de entretenimento que trouxessem lazer também para a comunidade. É difícil garantir a sustentabilidade pautada por esses três princípios no modo de produção capitalista, principalmente nos países emergentes e pobres, onde os empresários e o setor público visam acima de tudo a rapi-

dez de retorno dos recursos investidos. Eles são seduzidos pelo lucro rápido, o que leva a comportamentos antiéticos, como sérias agressões ao ambiente e à sociedade local, aumentando a desigualdade na distribuição de renda e a exclusão social. O desenvolvimento do turismo com base local significa exatamente o contrário dos megaempreendimentos, tais como resorts e parques temáticos, cujos capitais, geralmente, são levados para fora da região onde se instalam e pouco contribuem para melhorar as condições de vida das populações locais. Nos megaempreendimentos, a comunidade é excluída do processo, primeiramente porque não tem formação profissional para ser absorvida pelo mercado de trabalho e, em segundo lugar, porque não tem condições de desfrutá-los. Assim se explica a importância de programas como o de Apoio ao Desenvolvimento Sustentado da Costa dos Coqueiros, que envolve a população local e desenvolve as potencialidades do grupo. Isso faz com que a comunidade também seja beneficiada com oportunidades de trabalho e entretenimento, além de ressaltar a auto-estima e a sociabilidade grupal e individual para que as pessoas não se sintam inferiorizadas. Esse é o verdadeiro desenvolvimento sustentável.

*\*Doutora junto ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP)*

**Principais atividades em 2002**

- ◆ Em abril, o Instituto Souza Cruz ganhou o XI Prêmio MG Turismo. Devido à promoção do I Seminário de Turismo e Desenvolvimento Humano Sustentável, o instituto foi um dos 45 homenageados.
- ◆ Assinatura do convênio com o Instituto de Hospitalidade.
- ◆ Pesquisa sobre a viabilidade turística da Chapada dos Guimarães (MT).
- ◆ Convênio com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), por meio do qual o instituto oferece uma bolsa para o curso Master of Business Administration (MBA) em Economia do Turismo. Em contrapartida, o aluno beneficiado desenvolve um trabalho em ecoturismo e desenvolvimento sustentável.

**Educação para o Turismo**



Programa da Costa dos Coqueiros

## PARCERIAS DE SUCESSO

Além de desenvolver os próprios programas, o Instituto Souza Cruz também apóia projetos de outras instituições ligadas à educação.

Em 2002, o instituto deu continuidade à parceria com o programa **Alfabetização Solidária** adotando os municípios de Garanhuns (PE) e Conde (BA). Também passou a apoiar o projeto Circunflexo, da **Ação Comunitária do Brasil**, que ensina a linguagem circense aos jovens.

Ainda no ano passado, o **Comitê para a Democratização da Informática (CDI)** conseguiu, por meio de um convênio com o instituto, abrir 15 escolas de informática e cidadania nas regiões norte, oeste e sul do estado de Santa Catarina. Uma iniciativa que permitiu que o CDI atingisse pela primeira vez comunidades de zonas rurais.

Por acreditar na capacidade empreendedora dos jovens, o Instituto Souza Cruz também continuou investindo em dois outros programas com esse foco: o **Projovem** e o **Junior Achievement**.

Apoio a Outras Iniciativas	
	Comitê para a Democratização da Informática
	
	Ação Comunitária do Brasil
	Junior Achievement
Projovem	
	Alfabetização Solidária

APOIO À INCLUSÃO DIGITAL

A parceria do Instituto Souza Cruz com o CDI tornou possível, em 2002, a abertura de 15 escolas de informática e cidadania no estado de Santa Catarina

Criado pelo empresário Rodrigo Baggio, o Comitê para a Democratização da Informática (CDI) teve o primeiro curso montado em março de 1995 na favela Dona Marta, em Botafogo, no Rio de Janeiro. A finalidade do CDI é colocar jovens com baixo poder aquisitivo em contato com a informática tanto para dar oportunidade de trabalho como para abrir espaço à sociabilidade e facilitar o acesso à informação. Com 38 coordenações regionais e 11 internacionais, o CDI abrange 19 estados brasileiros e 11 países, entre eles Colômbia, México e Japão. Essa ONG também ensina informática a pessoas com necessidades especiais, como deficientes físicos, visuais, presidiários e população indígena.

Com a ajuda do Instituto Souza Cruz, em 2002 o CDI implementou três coordenações em Santa Catarina, nos municípios de Criciúma, Blumenau e Chapecó. Foram instaladas ainda 15 escolas de informática e cidadania (EICs) nas regiões norte, oeste e sul do estado.


Assim, o CDI pôde atingir pela primeira vez comunidades de zonas rurais. "Para esses jovens, o contato com a informática é uma das poucas formas de ampliar os conhecimentos. Nessas regiões, não há muitas possibilidades, por isso são tão importantes iniciati-

vas como essa", diz Terezinha Aparecida Rotermel, monitora da EIC de Indaial, um dos municípios beneficiados de Santa Catarina. Para a aluna Iria Zils, 30 anos, a implantação da EIC em Indaial foi uma oportunidade de alargar os horizontes. "Eu não teria condições de fazer o curso no centro. A escola na área rural foi muito importante para a população local. Me saí tão bem no curso que fui convidada para ser monitora", conta.

O instituto iniciou o apoio ao Comitê para a Democratização da Informática no segundo semestre de 2001, possibilitando a implementação de 12 escolas de informática e cidadania (EICs) no estado do Rio de Janeiro. Uma delas foi a instalada na quadra da escola Viradouro, em Niterói. Débora Alves, 12 anos, e Diego Wermelinger Gonçalves de Carvalho, 11 anos, foram dois dos alunos dessa escola. "Não teria como pagar um curso de informática agora. Se não tivesse o CDI, eu teria que esperar mais para aprender a mexer no computador. Além disso, tanto os alunos quanto os monitores se transformaram numa família para mim", afirma Débora. Para Diego, o curso também trouxe novas amizades: "Adorei a oportunidade que tive de aprender e fazer muitos amigos". ♦

Principais atividades em 2002

- ♦ Em abril, foram inauguradas, em parceria com o Instituto Souza Cruz, oito escolas de informática e cidadania.
- ♦ Lançamento da escola de informática e cidadania em Lauro Müller, em Santa Catarina, em maio.

Apoio a Outras Iniciativas	
	
	Comitê para a Democratização da Informática

## INFORMÁTICA PARA A ÁREA RURAL

POR RODRIGO BAGGIO\*

A parceria do Comitê para a Democratização da Informática (CDI) com o Instituto Souza Cruz permitiu a expansão das atividades do programa no estado de Santa Catarina, especialmente nas zonas rurais. A criação dos Comitês Regionais de Criciúma e Chapecó e o apoio ao trabalho desenvolvido em Blumenau possibilitaram que o CDI cumprisse a sua missão institucional de promover a inclusão social de comunidades menos favorecidas em regiões onde o programa não tinha condições de atuar. O CDI teve, então, a primeira experiência com as populações de áreas rurais, o que representou não só a diversificação dos públicos atendidos pelo programa como também a ampliação do projeto. As EICs apoiadas pelo instituto têm a finalidade de erradicar o trabalho infantil. Assim como nas grandes cidades, as famílias das áreas rurais contam com a mão-de-obra de crianças e jovens para aumentar o orçamento familiar. Os Comitês Regionais estão buscando parcerias


com outras organizações para promover melhorias na qualidade de vida dessas crianças e jovens. É o caso de Camboriú, onde o CDI, em parceria com a Casa da Criança e do Adolescente, vem trabalhando para extinguir o trabalho infantil.

O Comitê para a Democratização da Informática atua prioritariamente com comunidades de baixa renda, que estão à margem da era digital e que não têm condições de usufruir os avanços tecnológicos. A parceria com o instituto é um investimento na capacidade do ser humano de superar as limitações que a vida impõe, oferecendo oportunidades para o seu desenvolvimento pessoal e a melhoria da sua qualidade de vida e da comunidade que o cerca. É uma iniciativa que contribuirá para o avanço social dos jovens e do país.

*\*Criador e diretor-executivo do CDI, apontado pela ONU e pelos bancos Mundial e Interamericano de Desenvolvimento como um dos 50 futuros líderes da humanidade*

**“A parceria com o instituto é um investimento na capacidade do ser humano de superar as limitações que a vida impõe, oferecendo oportunidades para o seu desenvolvimento pessoal e a melhoria da sua qualidade de vida e da comunidade que o cerca”**

*Rodrigo Baggio, criador e diretor-executivo do CDI*

<p><b>Apoio a Outras Iniciativas</b></p>	
	
	<p>Comitê para a Democratização da Informática</p>

**AULAS DE CIRCO E DE CIDADANIA**

Em 2002, a Ação Comunitária do Brasil implementou, em parceria com o Instituto Souza Cruz, o Projeto Circunflexo, que oferece a jovens carentes a chance de exercer a cidadania por meio da arte circense

**W**ladimir Aguiar entrou na ONG Ação Comunitária do Brasil/RJ (ACB) aos 8 anos para aprender kung fu e com 11 foi para a Escola Nacional de Circo. Agora, aos 21 anos, ele é professor de linguagem circense na Ação Comunitária. Bruno dos Santos Dourado, 14 anos, começou na ACB/RJ com o curso de desenho, mas logo se interessou pelas aulas de circo. "Já fiz mais de dez apresentações. No programa, aprendi a andar em perna de pau, a fazer malabarismo e a dar saltos na cama elástica", conta. Bruno aprendeu também a ter responsabilidade. "Antes de entrar na Ação, eu ficava sempre na rua, agora vou da escola para a Ação e da Ação para casa." O pai de Bruno, Marcos dos Santos Dourado, também acredita na importância da ONG para jovens como seu filho. "A Ação é fundamental para a nossa comunidade, é uma das formas de resgatar os valores pessoais dos jovens e afastá-los da criminalidade", afirma. Wladimir e Bruno fazem parte do Projeto Circunflexo, patrocinado pelo Instituto Souza Cruz.

O programa está beneficiando cerca de 160 crianças e adolescentes em situação de risco social e vem sendo desenvolvido em parceria com a ONG Se Essa Rua Fosse Minha. As comunidades da Maré e da Cida-

de Alta têm a oportunidade de promover e defender seus direitos de cidadania por meio do contato com a arte circense. A maioria dos educadores é formada pela Escola Nacional de Circo, sendo que muitos deles são moradores da comunidade onde trabalham, já que a Ação tem como princípio identificar e valorizar talentos locais no sentido de ajudar a formar lideranças comunitárias.

A Ação Comunitária, entidade sem fins lucrativos, iniciou os trabalhos em 1968, sendo uma das mais antigas parcerias da Souza Cruz, depois assumida pelo instituto. Tem como meta participar do desenvolvimento pessoal, profissional e cultural dos moradores dos bairros onde atua, além de resgatar a auto-estima deles. A ACB/RJ desenvolve atividades socioeducativas para comunidades de baixa renda, procurando dar oportunidade aos excluídos.

Em 2002, a ONG passou por uma profunda reestruturação, com mudanças que afetaram até seu funcionamento. "Foi nesse contexto que se consolidou a parceria com o instituto, que participou ativamente trazendo sugestões pertinentes e muito bem-vindas", afirma a superintendente do ACB/RJ, Marília Pastuk. ♦

Apoio a Outras Iniciativas	
	
	Ação Comunitária do Brasil

## O EMPRESÁRIO DO FUTURO

A Associação Junior Achievement desenvolve o lado empreendedor e impõe desafios aos jovens para que eles cheguem mais preparados ao mercado de trabalho

Criada nos Estados Unidos, a Associação Junior Achievement é uma organização não-governamental, que foi implementada no Brasil em 1983 com o objetivo de dar oportunidade a estudantes do ensino fundamental e médio de encontrar o espírito empreendedor que há em cada um deles. No Rio de Janeiro, conta com 24 empresas mantenedoras e com o apoio de 12 e já beneficiou cerca de 13 mil alunos.


A metodologia do programa — dividido em Introdução ao Mundo dos Negócios, Miniempresa e Nosso Mundo — alia a teoria a práticas profissionais, fazendo com que os alunos convivam com diversas áreas do negócio: produção, marketing, vendas, finanças e recursos humanos. Além disso, os jovens ainda desenvolvem capacidades como liderança e determinação, aprendem a trabalhar em equipe e a ter responsabilidade. "O programa oferece ao jovem a oportunidade de olhar o mundo dos negócios como uma coisa desafiadora. Sua metodologia é aprender fazendo", afirma Marcelo Carvalho, presidente da Junior Achievement do Rio de Janeiro.

Os alunos são orientados por funcionários voluntários, que fazem o papel de *advisers* (consultores). A Souza Cruz já teve 16 funcionários que atuaram como voluntários no programa, beneficiando 730 alunos. A assistente financeira Renata Moraes esteve entre eles. Ela foi voluntária na

Junior Achievement nos programas Introdução ao Mundo dos Negócios e Miniempresa. "Sempre quis participar de projetos sociais. Como adoro dar aulas, o trabalho na Junior foi muito gratificante", conta. Para Renata, o programa é uma grande oportunidade para os jovens. "A Junior funciona como um atalho para eles encontrarem o caminho profissional mais rápido."

No programa, os alunos têm a possibilidade de criar e administrar miniempresas e podem vender os produtos em feiras realizadas pela associação. Cláudia Miharu Tojashi, 18 anos, participou do Miniempresa, no Rio de Janeiro, e criou uma pequena empresa de velas decorativas, a Velarde. "No começo, não me interessei pelo programa, porque queria estudar Letras e achei que não precisaria aprender sobre empreendedorismo. Agora tenho noção de como é lidar com uma empresa e aprendi a conviver com pessoas diferentes no ambiente de trabalho", revela.

A parceria com o Instituto Souza Cruz envolve o apoio financeiro e institucional, além de contar com o envolvimento de funcionários da mantenedora que atuam como voluntários. "Parcerias como a do instituto são fundamentais para viabilizar o programa tanto com recursos financeiros como com voluntários. Sem elas, a Junior Achievement simplesmente não existiria", diz Marcelo Carvalho. ♦

Apoio a Outras Iniciativas	
	
Junior Achievement	

## PROJOVEM

### MAIS OPORTUNIDADES PARA O JOVEM RURAL

O Projovem quer transformar jovens de zonas rurais em administradores. Para isso, o programa conta com o apoio do Instituto Souza Cruz, que também acredita na capacidade empreendedora dessa juventude

Reinaldo Ferreira de Araújo, 20 anos, e Sérgio Ferraz, 21 anos, são exemplos de sucesso do Programa de Formação de Jovens Empresários Rurais, o Projovem. Com o que aprenderam, eles administram os sítios dos pais e conseguem se sustentar. Os dois jovens estudaram no núcleo de Presidente Venceslau, em São Paulo, e fizeram projetos sobre gado de leite. "Com a participação no programa, consegui ver meu trabalho reconhecido, me sinto mais valorizado como profissional e como pessoa", diz Reinaldo de Araújo. Igualmente bem-sucedido, Sérgio Ferraz aumentou a renda familiar em 50% depois de participar do Projovem. "Com o lucro da produção de leite, consigo manter as vacas e também já comecei a reformar minha casa, que era de madeira e agora é de tijolo."

Iniciado em 1996, o programa tem a finalidade de preparar jovens para administrar pequenas propriedades rurais, dando-lhes a oportunidade de criar o próprio negócio. Eles aprendem a planejar, desenvolver e gerenciar profissionalmente projetos na área rural.

A professora americana Audrey Moore analisou recentemente o Projovem para sua tese de doutorado para o Departamento de Educação da Universidade de Minnesota, nos Estados Unidos, e concluiu que esse tipo de programa reduz o desemprego nas cidades e contribui para o crescimento das áreas rurais. "Programas como o Projovem também ajudam a desenvolver a auto-estima, a confiança e ensinam os jovens a trabalhar em equipe. Isso faz com que eles

se tornem líderes no futuro", explica.

O Projovem utiliza a pedagogia da alternância. Os jovens continuam vivendo com os pais, mas passam uma semana por mês internados no núcleo. Com o apoio do Instituto Souza Cruz ao programa, que começou em dezembro de 2000, foi possível criar o Fundo Rotativo de Crédito, que financia os projetos. Graças a essa parceria, projetos como o de Reinaldo e Sérgio puderam ser colocados em prática.

Com sete núcleos espalhados pelo estado de São Paulo, o Projovem, que tem convênio com a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP) e com o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps), já formou cerca de 200 jovens, de 14 a 21 anos.

Iniciativas como essa ajudam a diminuir a necessidade do jovem de sair do campo para procurar emprego na cidade. "Ainda é um programa piloto e não dá para dizer que afeta diretamente a diminuição do êxodo rural, mas é uma das únicas iniciativas para manter os jovens nas zonas rurais", diz o professor Fernando Curi Peres, assessor da Associação Central dos Pais do Projovem. A participação dos pais é outro ponto importante do programa. A Associação de Pais fica responsável pela escolha dos monitores, pelo fornecimento de eletricidade e pela alimentação dos jovens. "O Projovem visa incluir os pais, principalmente nas decisões, para que eles possam sentir que fazem parte do programa", afirma a professora Audrey Moore. ♦

Apoio a  
Outras  
Iniciativas



Projovem



### A PARCERIA DA SOBREVIVÊNCIA

POR FERNANDO CURI PERES\*

Com o problema do péssimo sistema educacional nas zonas rurais, manter os jovens no campo não é tarefa das mais fáceis. O despreparo e a falta de oportunidade fazem com que esses jovens vejam na “fuga” para a cidade a alternativa para um futuro promissor. Mas, assim como na zona rural, pela falta de conhecimento, eles ficam sem emprego na cidade e acabam nas periferias, vivendo em péssimas condições. Por isso, programas educacionais rurais, como o Projovem, são tão importantes para a sociedade. Ao treinar esses jovens para o trabalho na área rural, o programa dá a eles a oportunidade de conquistar uma vida digna sem precisar sair do campo. Com a criação do Fundo Rotativo de Crédito, apoiado pelo Instituto Souza Cruz, o Projovem conseguiu sobreviver e se consolidar. Essa parceria tornou possível o financiamento dos projetos dos alunos. Um dos grandes problemas enfrentados

pelo Projovem antes do Fundo Rotativo era justamente como estimular os alunos a continuar e a levar o projeto a sério. A taxa de evasão era alta, eles ficavam desanimados e frustrados e os resultados demoravam a aparecer. O Fundo Rotativo foi e é fundamental para garantir o interesse dos alunos no programa. Ele funciona como um empréstimo para o jovem, que, depois de desenvolver o trabalho, devolve o dinheiro em prestações para ser usado por outros alunos. Além do Fundo Rotativo, o instituto também forneceu recursos para colocar internet nos núcleos e para melhorar o treinamento dos monitores. Parcerias como essa são essenciais para que o trabalho do programa se torne sólido e funcione. E são indispensáveis para a sobrevivência da sociedade.

*\* Engenheiro-agrônomo, Ph.D. em economia rural pela The Ohio State University e assessor da Associação Central dos Pais do Projovem*

**“Parcerias como a do Instituto Souza Cruz são essenciais para que o trabalho do programa se torne sólido e funcione. E são indispensáveis para a sobrevivência da sociedade”**

*Fernando Curi Peres, assessor da Associação Central dos Pais do Projovem*

Apoio a Outras Iniciativas	
Projovem	



APOSTA NA EDUCAÇÃO

No ano passado, o Instituto Souza Cruz deu continuidade à parceria com o programa Alfabetização Solidária, adotando municípios dos estados de Pernambuco e da Bahia

Para Maria do Socorro, 43 anos, anotar as receitas de culinária era um sonho distante. Mas, depois de participar do programa Alfabetização Solidária implantado em Garanhuns (PE), cidade adotada pelo Instituto Souza Cruz no ano passado, ela conseguiu realizá-lo. "Hoje, consigo ler e anotar. Tenho seis filhos e nunca podia ajudar nas tarefas. Agora, posso até anotar os recados na casa em que trabalho", conta. Sócrates dos Santos, 20 anos, alfabetizador em Garanhuns, está estudando para futuramente ser professor da rede pública. "A capacitação para o Alfabetização Solidária me ajudou muito, melhorou meu rendimento e abriu meus horizontes."

Fundado em 1997, o Alfabetização Solidária tem como maior objetivo aumentar a oferta de educação para jovens e adultos. Pelo Censo Escolar de 2000 do Ministério da Educação, foi possível observar que, nos municípios atendidos pelo programa, o aumento da oferta de matrícula chegou a 250,83%; já nas localidades não atendidas, o crescimento ficou em 64,95%.

A parceria com o Instituto Souza Cruz começou em 2000 com a adoção dos municípios de Jericó (PB) e São Benedito do Sul (PE). Em 2002, o insti-

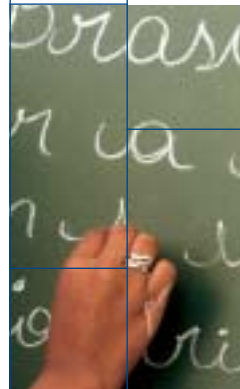
tuto adotou os municípios de Garanhuns e Conde (BA). Nesses dois anos, foram alfabetizados 3 mil alunos e capacitados 120 professores em municípios com os mais altos índices de analfabetismo do país.

Com a ajuda da Universidade de Pernambuco e da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, foram instaladas dez salas de aula em cada um dos municípios. Com 80.434 habitantes, Garanhuns apresenta uma taxa de analfabetismo de 24,03%, segundo o Censo 2000. Já o município de Conde tem 12.441 habitantes e uma taxa de analfabetismo de 36,01%. Mas, com a implementação do Alfabetização, esses números tendem a diminuir. ♦

Graças à parceria com o Instituto Souza Cruz, o Alfabetização Solidária alfabetizou 3 mil alunos e capacitou 120 professores em municípios com os mais altos índices de analfabetismo do país

Principais atividades em 2002

- ♦ Início do novo módulo, envolvendo os municípios de Garanhuns, em Pernambuco, e Conde, na Bahia.

Apoio a Outras Iniciativas	
	
	Alfabetização Solidária

**ANALFABETISMO ZERO** POR REGINA ESTEVES\*


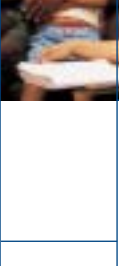
O Programa Alfabetização Solidária é dirigido por uma organização não-governamental, a Associação de Apoio ao Programa Alfabetização Solidária, que adota um modelo simples, inovador e de baixo custo. Desde sua criação, em janeiro de 1997, com o Conselho do Comunidade Solidária, o programa tem como meta reduzir os altos índices de analfabetismo e aumentar a oferta pública de educação para jovens e adultos no Brasil. Com seis anos de vida, o Alfabetização Solidária já alcançou a marca de 3,6 milhões de alunos atendidos em 2.010 municípios brasileiros. Com 100 empresas e 204 universidades parceiras, o programa já capacitou mais de 150 mil alfabetizadores em todo o país. A parceria com empresas é decisiva para o alcance dos objetivos, já que permite a presença do programa no município com a implantação das salas. Além disso, a sua atuação conjunta com as prefeituras viabiliza a continuidade dos estudos dos alunos egressos das turmas do Alfabetização Solidária, contribuindo para a elevação do nível de escolaridade da população.

O Alfabetização Solidária tem hoje reconhecimento no Brasil e no exterior. Acabou de ser incluído no kit da Década da Alfabetização da ONU como um dos dez melhores programas de alfabetização em todo o mundo. Resultados tão positivos só são possíveis graças a parcerias como a que o programa estabeleceu com o Instituto Souza Cruz. Em 2002, o instituto passou a adotar as cidades de Garanhuns (PE) e Conde (BA). O bom atendimento e desenvolvimento das atividades de ensino do Alfabetização têm um papel fundamental para o crescimento desses municípios.

*\* Superintendente-executiva do programa Alfabetização Solidária*

**“O Alfabetização Solidária acabou de ser incluído no kit da Década da Alfabetização da ONU como um dos dez melhores programas de alfabetização em todo o mundo. Resultados tão positivos só são possíveis graças a parcerias como a que o programa estabeleceu com o Instituto Souza Cruz”**

*Regina Esteves, superintendente-executiva do programa Alfabetização Solidária*

Apoio a Outras Iniciativas	
	Alfabetização Solidária
	Alfabetização Solidária

## PARECER DOS AUDITORES INDEPENDENTES

AOS CONSELHEIROS E DIRETORES DO INSTITUTO SOUZA CRUZ

1. Examinamos os balanços patrimoniais do Instituto Souza Cruz, levantados em 31 de dezembro de 2002 e de 2001, e as respectivas demonstrações do superávit (déficit), das mutações do patrimônio social e das origens e aplicações de recursos para os exercícios findos naquelas datas, elaborados sob a responsabilidade de sua administração. Nossa responsabilidade é a de expressar uma opinião sobre essas demonstrações financeiras.

2. Nossos exames foram conduzidos de acordo com as normas brasileiras de auditoria e compreenderam: (a) o planejamento dos trabalhos, considerando a relevância dos saldos, o volume das transações e o sistema contábil e de controles internos da entidade; (b) a constatação, com base em testes, das evidências e dos registros que suportam os valores e as informações contábeis divulgados; e (c) a avaliação das práticas e das estimativas contábeis mais representativas adotadas pela administração da entidade, bem como da apresentação das demonstrações financeiras tomadas em conjunto.

3. Em nossa opinião, as demonstrações financeiras referidas no primeiro parágrafo representam adequadamente, em todos os aspectos relevantes, a posição patrimonial e financeira do Instituto Souza Cruz em 31 de dezembro de 2002 e de 2001, os resultados de suas atividades, as mutações do seu patrimônio social e as origens e aplicações de seus recursos correspondentes aos exercícios findos naquelas datas, de acordo com as práticas contábeis adotadas no Brasil para entidades sem fins lucrativos.

Rio de Janeiro, 13 de março de 2003.

**DELOITTE TOUCHE TOHMATSU**  
**Auditores Independentes**  
 CRC-SP 011.609 S/RJ

**Marcelo Cavalcanti Almeida**  
**Contador**  
 CRC-RJ 36206-3



**BALANÇOS PATRIMONIAIS EM 31 DE DEZEMBRO DE 2002 E DE 2001**

(Valores expressos em milhares de reais)

ATIVO		
	2002	2001
<b>CIRCULANTE</b>		
Caixa e bancos	295	70
Títulos e valores mobiliários	2.604	3.270
Despesas antecipadas	6	383
Outras contas a receber	1	2
Total do circulante	2.906	3.725
<b>TOTAL</b>	<b>2.906</b>	<b>3.725</b>
<b>PASSIVO E PATRIMÔNIO SOCIAL</b>		
	2002	2001
<b>CIRCULANTE</b>		
Contas a pagar	110	841
Impostos e encargos sociais a recolher – terceiros	15	16
Outras contas a pagar	—	1
Total do circulante	125	858
<b>PATRIMÔNIO SOCIAL</b>		
Superávit acumulado	2.781	2.867
<b>TOTAL</b>	<b>2.906</b>	<b>3.725</b>

As notas explicativas são parte integrante das demonstrações financeiras.

**DEMONSTRAÇÕES DAS MUTAÇÕES DO PATRIMÔNIO SOCIAL PARA OS EXERCÍCIOS FINDOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 2002 E DE 2001**

(Valores expressos em milhares de reais)

	Superávit acumulado
<b>SALDO EM 31 DE DEZEMBRO DE 2000</b>	<b>356</b>
Superávit do exercício	2.511
<b>SALDO EM 31 DE DEZEMBRO DE 2001</b>	<b>2.867</b>
Déficit do exercício	(86)
<b>SALDO EM 31 DE DEZEMBRO DE 2002</b>	<b>2.781</b>

As notas explicativas são parte integrante das demonstrações financeiras.

**DEMONSTRAÇÕES DO SUPERÁVIT (DÉFICIT) PARA OS EXERCÍCIOS FINDOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 2002 E DE 2001**

(Valores expressos em milhares de reais)

	2002	2001
<b>RECEITAS OPERACIONAIS</b>		
Receitas de doação	7.318	7.560
Receitas financeiras	506	960
Total das receitas operacionais	7.824	8.520
<b>DESPESAS OPERACIONAIS</b>		
Despesas com projetos	(6.566)	(4.879)
Despesas gerais	(1.328)	(1.094)
Despesas financeiras	(16)	(36)
Total das despesas operacionais	(7.910)	(6.009)
<b>SUPERÁVIT (DÉFICIT) DO EXERCÍCIO</b>	<b>(86)</b>	<b>2.511</b>

As notas explicativas são parte integrante das demonstrações financeiras.

## NOTAS EXPLICATIVAS ÀS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS PARA OS EXERCÍCIOS FINDOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 2002 E DE 2001

(Valores expressos em milhares de reais)

## 1. CONTEXTO OPERACIONAL

O Instituto Souza Cruz é uma associação civil de natureza educacional e cultural, sem fins lucrativos, fundada em 28 de junho de 2000, concebida para executar ou apoiar projetos de cunho sociocultural que almejem, conjunta ou isoladamente, a melhoria do padrão de vida, produtividade e poder de decisão dos indivíduos atendidos, bem como o fortalecimento da identidade cultural e das instituições de participação democrática das comunidades em que residem.

O exercício social do instituto compreende o período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de cada ano.

## 2. APRESENTAÇÃO DAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS E PRINCIPAIS PRÁTICAS CONTÁBEIS

As principais práticas contábeis adotadas na elaboração das demonstrações financeiras podem ser resumidas como segue:

**Aplicações financeiras** – São registradas ao custo, acrescido dos rendimentos auferidos até a data do balanço.

**Passivos** – São demonstrados pelos valores conhecidos ou calculáveis.

**Receitas com contribuições e doações** – São contabilizadas como receita quando efetivamente recebidas. As demais receitas e as despesas são reconhecidas pelo regime de competência.

## 3. APLICAÇÕES FINANCEIRAS

Referem-se a investimentos em Letras Financeiras do Tesouro (LFT) e Letras do Tesouro Nacional (LTN).

## 4. IMPOSTO DE RENDA E CONTRIBUIÇÃO SOCIAL

O Instituto Souza Cruz tem imunidade relativa à tributação de imposto de renda e de contribuição social.

## DEMONSTRAÇÕES DAS ORIGENS E APLICAÇÕES DE RECURSOS PARA OS EXERCÍCIOS FINDOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 2002 E DE 2001

(Valores expressos em milhares de reais)

	2002	2001
<b>ORIGENS (APLICAÇÕES) DE RECURSOS</b>		
Superávit (déficit) do exercício	(86)	2.511
Recursos oriundos das (aplicados nas) operações	(86)	2.511
<b>VARIAÇÃO DO CAPITAL CIRCULANTE LÍQUIDO</b>	<b>(86)</b>	<b>2.511</b>
<b>REPRESENTADO POR</b>		
Ativo circulante no final do período	2.906	3.725
Ativo circulante no início do período	3.725	357
Aumento (redução) do ativo circulante	(819)	3.368
Passivo circulante no final do período	125	858
Passivo circulante no início do período	858	1
Aumento (redução) do passivo circulante	(733)	857
<b>VARIAÇÃO DO CAPITAL CIRCULANTE LÍQUIDO</b>	<b>(86)</b>	<b>2.511</b>

As notas explicativas são parte integrante das demonstrações financeiras.







